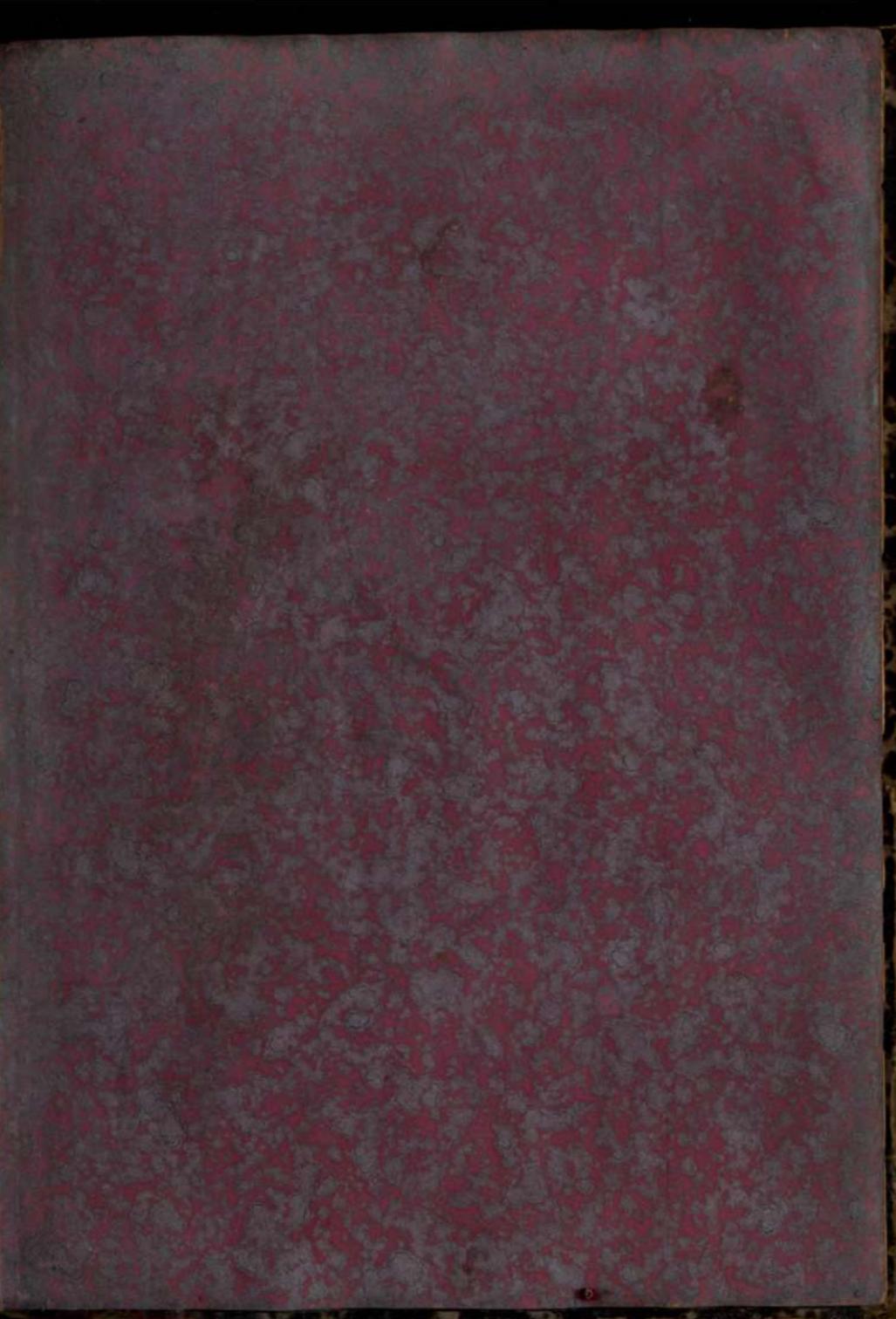


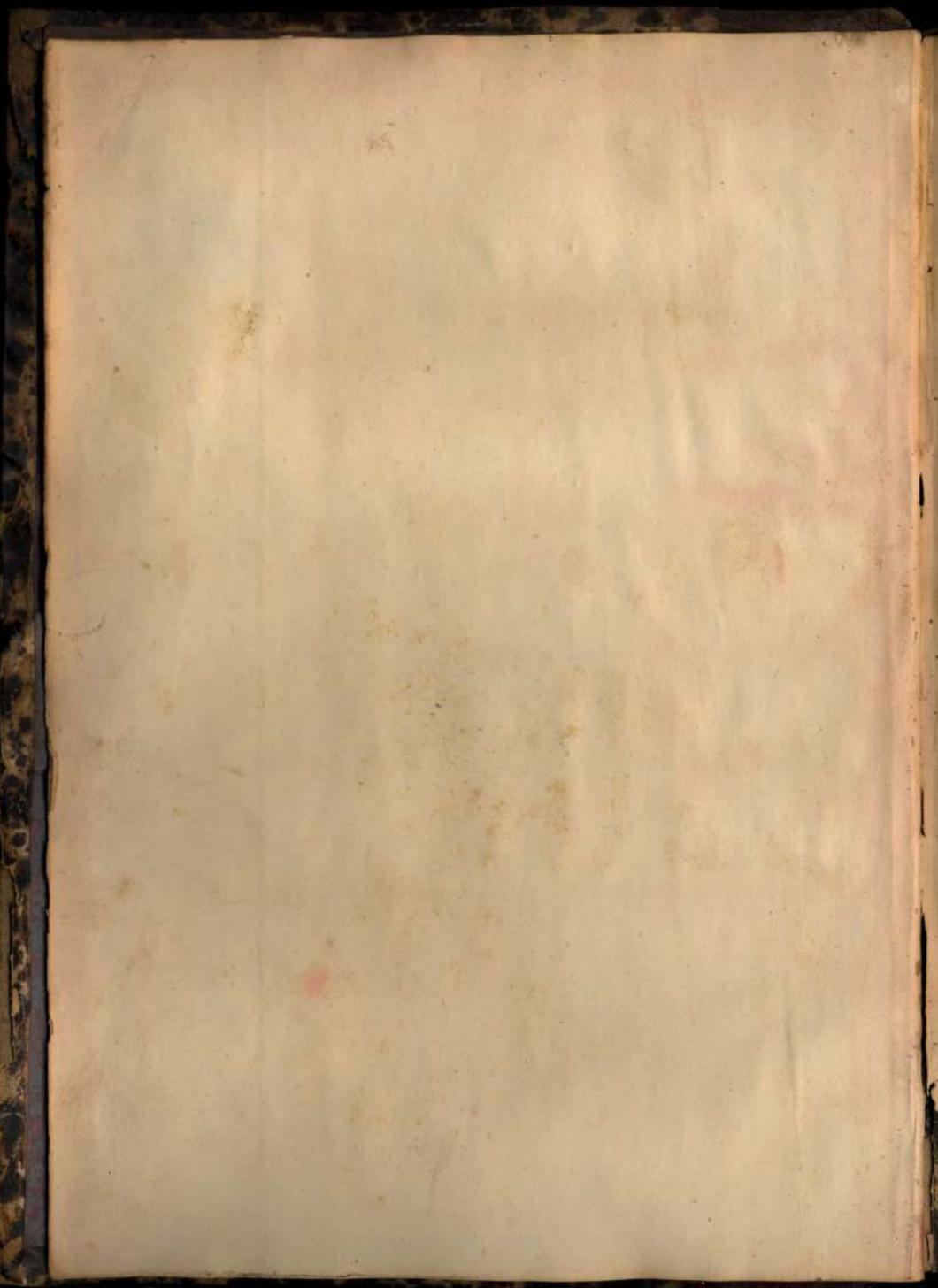
H 10

ara

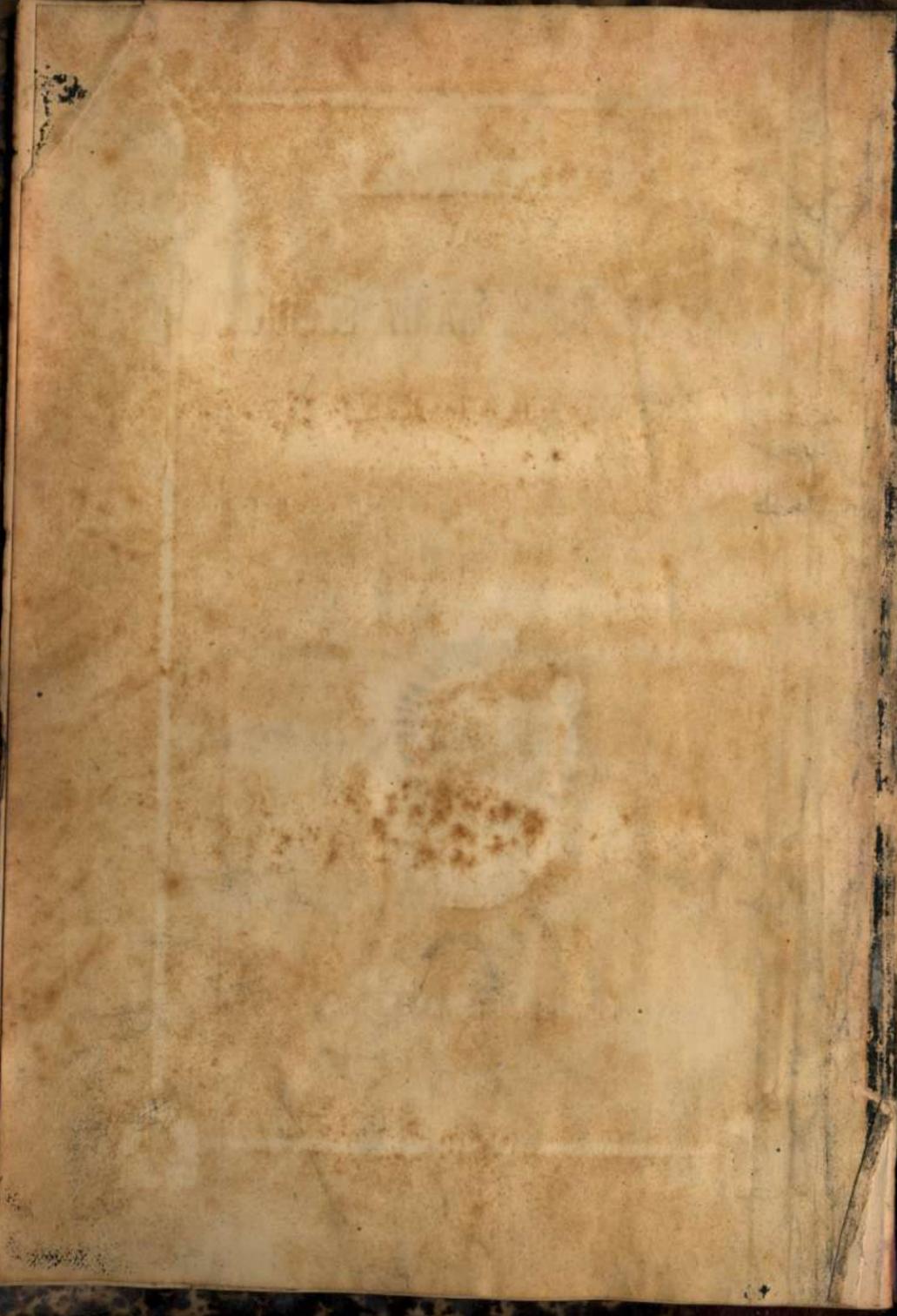








Escola Nacional de Bellas Artes
Bibliotheca
* Capital Federal *



FUNERAL

SENHORA DONA MARIA SEGUNDA,

RAINHA DE PORTUGAL,

NESTA CIDADE.



RECIFE DE PERNAMBUCO.

1854.

To Il^{mo} Senr.

Manoel d'Almeida Porto
Alegre,

offerece,

em signal de profunda consider^{ao},
de affectuosa estima
e respeito,

o seu att.^o Ven.^o e Amigo
por sympathia,

Antonio Rangel de Torres Baudina

Recife, 21 de Jan.^o
de 1856

FUNERAL

QUE

PELA INFAUSTA E SENTIDA MORTE

DA

SENHORA DONA MARIA SEGUNDA,

DE SAUDOSISSIMA MEMORIA,

FIZERAM OS PORTUGUEZES

RESIDENTES NESTA CIDADE.



RECIFE,

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL.

Rua do Collegio n. 20.

1854.



ORI
946.903
M 539



222/11
04.05.2011

COMMEMORAÇÃO.

O infausto acontecimento que roubou a um povo a sua virtuosa e idolatrada RAINHA, — aos filhos a terna e carinhosa Mãe, — ao consorte a mais exemplar das Esposas, para ser dignamente commemorado, é penosa tarefa, ante a qual a penna estaca, o coração pára.... mas a devoção impelle o coração e a penna a manifestar a mágoa, o vivo sentimento, que enlutou, atravez do oceano, a muitos centenares de leguas, não só os filhos d'uma terra que já foi tão grande, e a que presidio a Augusta FILHA do Heroe de dous mundos, do Abdicador de duas corôas; mas tambem os filhos da nobre terra da Santa Cruz, onde Ella teve o berço, e onde impera o seu Augusto Irmão.

É á SENHORA DONA MARIA SEGUNDA, RAINHA DE PORTUGAL, tão cedo arrebatada á vida, que a nossa humilde, mas sincera e dedicada penna, vai prestar sobre o tumulto um testemunho do respeito e adoração que sempre lhe consagramos, e em que agora acompanhamos os dous povos irmãos.

Vio-a o mundo desde menina, perseguida pela infortunio, ser o vai-vem de acontecimentos inopinados — vio o mundo depois a dedicação e a lealdade, atravez de uma athmosphera de chumbo e de ferro, colloca-la sobre o seu throno — e vio tambem quanto o seu reinado foi agitado... ; mas vê hoje o fructo do seu nobre character, das suas virtudes filiaes e patrioticas: — Aquelle que, tendo de reger em breve um Estado, ainda joven e tutelado, é modêlo das consequencias da mais esmerada educação, cercado de irmãos, que partilhando outros tantos cuidados maternas, são igualmente esperanças da patria — um Esposo que soube captar tanto as vontades dos povos, que o estimam como se fôra seu natural, e que tomando sobre seus hombros o enorme pezo da regencia, continúa a bem merecer da sua patria adoptiva — um paiz, que, lutando com tantas difficuldades, apresenta todos os germens de um futuro brilhante, que só lhe poderia trazer a restauração das patrias liberdades.

Esqueçam-se algumas paginas negras e sanguinolentas que as dissensões civis traçaram em sua chronica, porque a liberdade do pensamento e da palavra, a generosidade para com os vencidos, são sobejas corôas de gloria do systema liberal, que nunca desmentio, nem quando o perigo, pondo em risco a sua corôa, exigia que entregasse aos defensores de instituições diversas o

pendão da liberdade e da ordem tantas vezes disputado e com tanto denodo.

Oh! atravez de todas as dissidencias de opinião que vemos em seu reinado, quanto é doce e grato o contemplar que d'entre aquelles que a hostilizaram, chamou e agraciou a tantos cujo merito era recommendação, e além desses, por tantas vezes, a todos para constituirem uma só familia!

Não é só isto o que a ennobrece, porque são muitos e grandiosos os beneficios que o seu curto reinado legou ao paiz: a agricultura deve-lhe o desafogo dos vexames que a opprimiam, e grande adiantamento — as artes devem-lhe toda a sua prosperidade, rivalisando já em muitos productos com os dos paizes de primeira ordem — o commercio não foi menos contemplado nos favores que tudo experimentou — e as letras sobretudo devem-lhe o brilho com que fulguram, e a bella e distincta phalange de litteratos, quasi todos mancebos, que enchem a patria de ufania e de gloria.

Mas quando tudo concorria para dar-lhe emfim dias de tranquillidade, e do prazer de contemplar o que havia creado a favor do nobre Portugal, uma morte prematura e inesperada vem arrebatá-la... — deixando inconsolavel o seu povo, — os Filhos e o Esposo mergulhados na mais profunda dor!...

Saudada no baptismo pela candida pomba, que te acompanhou ao jazigo, e que a todos se antolha symbolo da paz e da prosperidade do novo reinado — sublime legado deixas, nobre HERDEIRA dos grandes Reis de Portugal, augusta FILHA do immortal Fundador deste Imperio! Se avoengos felizes, em conquista diversa, grangearam

nome digno da lyra de Camões, Tu, seguindo Aquelle que já em teu reinado cantaram lyras de ouro, nobre conquista tambem completaste — a da liberdade da tua terra e da tua gente. — Descança em paz, SENHORA! e que tua progenie conserve feliz o teu legado!

Trouxe a noticia deste deploravel successo, occorrido no luctuoso dia 15 de Novembro proximo passado, o vapor inglez *Lusitania*, aqui chegado em 14 de Dezembro. Fatal coincidencia do nome do vapor, sendo a primeira vez que vinha a estas praias!

Foi geral a consternação na Veneza americana — nacionaes e estrangeiros manifestavam a dor profunda com que foram sorprendidos, e não pôde louvar-se sufficientemente o interesse e sympathia que votavam á Augusta FINADA.

Desde logo foi concebido o projecto de um pomposo funeral, como demonstração respeitosa e externa do muito que era prezada AQUELLA que fôra RAINHA, e como RAINHA tanto soffrêra, e que ora não era mais do que um cadaver, que ia reunir-se, no jazigo, aos dos seus maiores.

O projecto foi levado a effeito nomeando-se uma commissão composta dos Illms. Srs. Luiz José da Costa Amorim, José Teixeira Basto e Mathias d'Azevedo Villarouco, cujos nomes aqui registramos como pequena prova do muito que o nosso coração ficou penhorado pela maneira honrosa, e digna dos elogios que tem geralmente recebi-

do, com que desempenhou sua nobre e melindrosa tarefa, não poupando esforços nem mesmo os proprios meios pecuniarios.

Merece tambem menção especial o Illm. Sr. Consul de Portugal nesta provincia, pelo muito que, sem ostentação, concorreu para esta demonstração publica de veneração á sua finada SOBERANA.

Os actos funebres principiaram na tarde do dia 23 de Fevereiro acompanhados dos dobres dos sinos em todas as igrejas, e no dia 24 ouviam-se de espaço a espaço os tiros da artilharia, o dobre plangente dos sinos; fecharam-se os estabelecimentos particulares, e via-se a guarnição em funeral, as vergas dos navios cruzadas, as bandeiras arreadas, e em toda a parte a consternação, a dor, o luto.

Os convites da commissão ás differentes autoridades, corporações e individuos, foram dignamente correspondidos, provando o facto externo da sua comparencia em tão grande numero ao acto funebre, que os sentimentos que haviam mostrado ao receber-se a infausta nova eram verdadeiramente do coração.

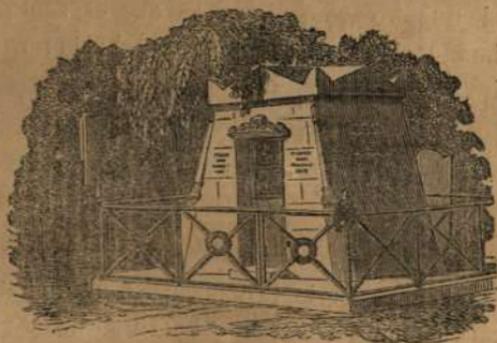
Havendo tomado parte nesta grande magoa, não nos podémos furtar ao desejo de publicar em um folheto, não só a oração funebre do Rvm. Padre Mestre João Capistrano de Mendonça, como os trabalhos da commissão directora, e tudo o mais que circula impresso ou manuscrito e podémos obter, e que diz respeito á candida RAINHA, de cujas virtudes conjugaes, maternas, civicas,

hão de sempre lembrar-se saudosamente o Esposo inconsolavel, os Filhos orphãos, a Patria afflicta.

E aproveitando o ensejo, dirigimos os nossos cordiaes agradecimentos a todas as pessoas que nos forneceram essas differentes peças, e com especialidade á commissão directora pelo muito que concorreu para levarmos a effeito o nosso intento.

Recife, 24 de Março de 1854.

Os EDITORES.



ORAÇÃO FUNEBRE

QUE

NAS EXEQUIAS CELEBRADAS NO DIA 24 DE FEVEREIRO DE 1854

NA IGREJA MATRIZ DE

SAN FREI PEDRO GONÇALVES

NA

CIDADE DO RECIFE, PROVINCIA DE PERNAMBUCO,

PELA PREMATURA E SENTIDÍSSIMA MORTE

DE SUA Magestade Fidelíssima

A Senhora Dona Maria Segunda,

RAINHA DE PORTUGAL,

RECITOU

O PADRE JOÃO CAPISTRANO DE MENDONÇA,

PROFESSOR DE GEOGRAPHIA E HISTORIA

NO LYCEU DO RECIFE,

E PRÉGADOR DA CAPELLA DE SUA Magestade

O IMPERADOR DO BRASIL.

946.903
M 539

ESCALA REAL DE BELLAS ARTES

1870

ESTADO LIBRE ASOCIADO DE PUERTO RICO

ESTUDIO DE ECONOMIA POLITICA

ALUMNO DON JUAN PABLO GARCIA

ASISTENTE DON JOSE GARCIA

MAESTRO DON JOSE GARCIA

MAESTRO DON JOSE GARCIA

MAESTRO DON JOSE GARCIA



Ao ILL.^{mo} SR.

D.^{or} Joaquim Baptista Moreira,

*Dignissimo Consul de SUA Magestade
FIDELISSIMA nesta Provincia ;*

AOS ILL.^{mos} SR.^s

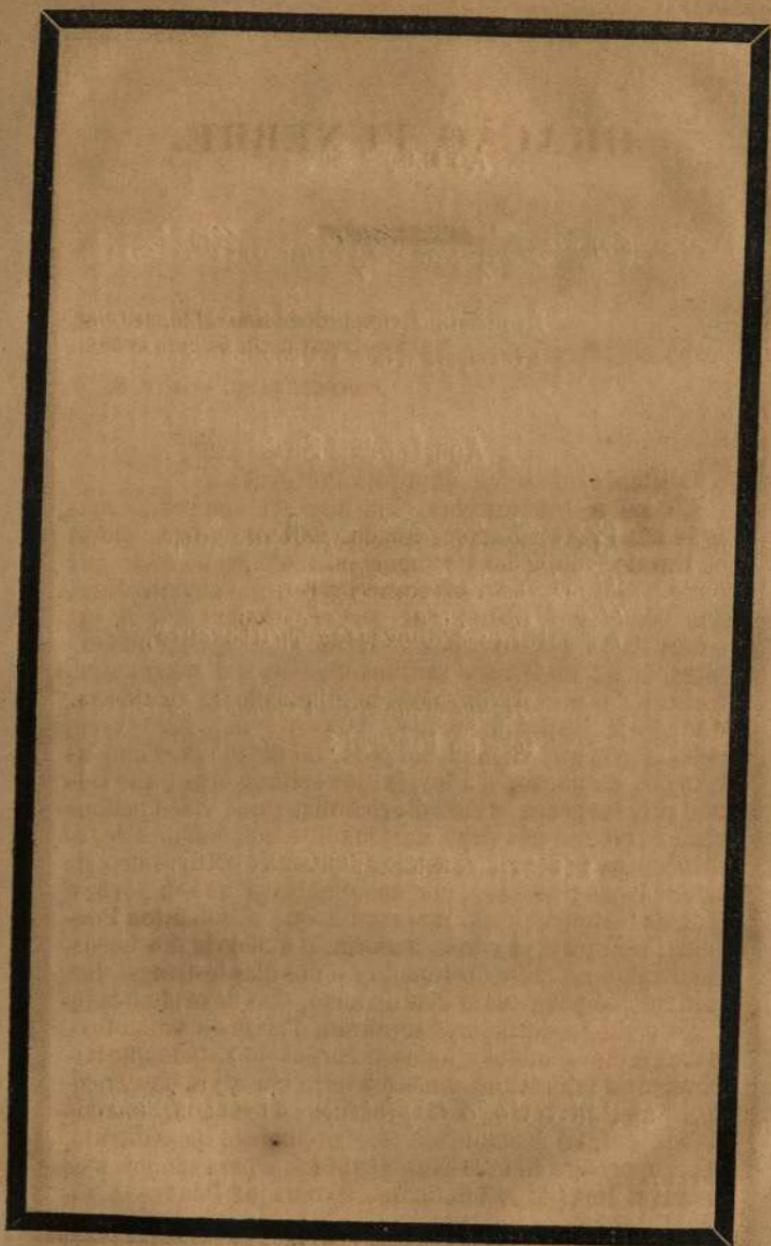
*Luiz José da Costa Amorim,
José Teixeira Basto,
Matthias d'Arzevedo Villarcuco,*

*Dignos Membros da Commissão Direc-
tora do Funeral ;*

EM TESTEMUNHO DE SINCERA AMIZADE E GRATIDÃO,

O. D. C.

O Padre João Capistrano de Mendonça.



ORAÇÃO FUNEBRE.

Timebat Dominum valde, nec erat,
qui loqueretur de illa verbum malum.

JUDITH, no cap. VIII, v. 8.

Lusitania infeliz !... desditoso Portugal !...

Eis ali a sombra cara, sua augusta sombra... mas tu já não existes, RAINHA amada, mãe dos povos, gloria do throno, ufania dos Portuguezes... o véo do lucto que nos esconde seu rosto soberano parece mudamente dizer, que jamais será dado beijar sua régia mão ; que as excelsas virtudes de sua alma deixaram a terra, e de todo expiraram os maternas sentimentos do seu magnanimo coração : o modelo da piedade, o oraculo da clemencia, o orgão da justiça, o symbolo da perfeição já não vivem nella... ella que chamou ao redor do throno lusitano as bênçãos da nação, e a inveja dos estrangeiros ; que reinou rica em graça, e em misericordias ; que viveu penhorada ao amor e aos votos nacionaes, e que milhões de lagrimas não podem já restituir a Portugal. O thesouro de tantos bens preciosos, que communicava ao seu povo, o singular esplendor da magestade que abrilhantou Portugal, o sceptro, a corôa, a gloria, e a alegria dos Lusos, tudo cahio na noite do tumulo ; e dos dias festivaes, dias antigos, só nos restam dias de lucto, dias de orphandade.

Os ventos assustadores sopraram d'além do Atlantico, e trouxeram gemidos : todos os corpos do Estado que ternamente a adoravam, a mesma terra que a vio nascer cobriram-se de lucto, foram feridos de magoa, quando bateu o fatal instante de seu prematuro passamento. Sim, morreu a SERENISSIMA SENHORA, e para sempre memoravel DONA MARIA SEGUNDA, RAINHA DE PORTUGAL !...

Tantos titulos de magestade, tantos merecimentos accumulados, tantos votos repetidos pela sua existencia, não suspenderam o destino da Providencia no dia assignalado dos seus juizos : o golpe formidavel, terrivel golpe, separou a mãe dos filhos, a soberana dos vassallos, e a esposa do consorte. Que pungente dor nos esperava ! que melancolicos pensamentos eram reservados na occulta successão das nossas idéas ! gostastes, ó cidadãos portuguezes, as delicias do seu feliz reinado, e já sois testemunhas do seu nada !...

O luctuoso apparatus renovado aos nossos olhos, as tochas funebres ha pouco extinctas e outra vez acesas, para indicarem mais um trophéo da morte sobre a cabeça dos reis ; o silencio sepulchral, interrompido apenas por tres mezes de dôr ; os despedaçados restos da soberania, que desceu ao nivel da campa do indigente ; o negro panno que mostra frios signaes de um poder que já não é, e por elle offerece tristeza e lucto que durará sempre ; todo este ornamento silencioso e tocante repete ao universo que assim morreu a alegria de um povo, como acaba a gloria do mundo.

Só a verdadeira religião, premiadora da virtude, é monumento capaz de conservar a doce memoria desta mãe terna, desta augusta soberana : a mão da morte abateu a magestade brilhante como o sol, mas não desperdiçou o thesouro della mais precioso,—excelsos dotes d'alma, sentimentos reaes do coração,—perpetuados a par do seu nome, e mantidos na voz geral do reconhecimento até o derradeiro dos dias, por serem immortaes, como ella, na presença de Deos e na memoria dos homens.

Senhores, seria fazer injuria ao caracter portuguez, se eu pensasse preparar a vossa respeitavel expectação para o elogio da RAINHA : o orador vacilla somente obrigado a fallar sobre o mausoléo de monarchas sem virtude : a lisonja não ousa sem medo usurpar monumentos e lugares consagrados á verdade ; porém a memoria daquella que foi por trinta e quatro annos virtuosa, que em vinte e dous annos successivos foi util aos vassallos e gloriosa á nação : aquella que na vida particular não praticou senão virtudes, que subindo ao throno ostentou sempre genio varonil, régia conducta, e qualidades heroicas : aquella que viveu modesta, pia, bemfazeja, generosa, magnifica, e justa...

a preciosa memoria da SENHORA DONA MARIA SEGUNDA, não involve successos que releve ao orador, ou moderar, ou desvanecer.

Perguntemos á verdade do Sanctuario, pergunte-se á opinião do mundo : que fez a RAINHA ? que deixou ella de fazer ? viveu e reinou segundo o coração de Deos : reinou e viveu digna do louvor dos homens. Agradavel ao céo e á terra, consummou sua carreira difficil de encher no universo, ainda mais difficil de completar sobre o throno: temia muito ao Senhor, e não ha quem diga della uma palavra má.

O temor de Deos, primeiro movel da sua moral, igualmente o foi da sua politica ; porém si a RAINHA morreu, a virtude nunca morre ; portanto o mesmo será tambem o fundamento mais solido do seu funebre elogio.

DISCURSO.

O temor de Deos é base eterna da moral dos monarchas, como dos povos : a boa moral produz e desenvolve a humanidade, a fortaleza e a justiça, que penhoram o caracter augusto dos soberanos, e preparam á posteridade o quadro assombroso de sua verdadeira gloria : o temor de Deos é o mais puro ornamento da adolescencia dos principes. A candura, a modestia, a clemencia, o amor do bem publico, o desejo de conhecer as precisões alheias, o gosto de consolar o infeliz, a prudencia, a magnanimidade, são virtudes eminentes, e tão bellas, quanto necessarias ás almas sorteadas para governar os homens. É o temor de Deos que mantém a firmeza de caracter e de razão ; a doce affabilidade do coração, a estima, e o prazer da verdade, qualidades raras entre os homens, e tão amaveis quanto illustram a memoria dos reis ; dispõe a justa proporção de pensamentos e reflexões, que prendem a dignidade do sceptro sem deixarem de acomodar-se á condição inferior dos vassallos ; ensina a meditar a lei da propria situação, e para fazê-la cara a todos que a temem, previne o peso da autoridade pelo imperio da igualdade christãa.

O temor de Deos não é virtude particular, uma virtude só, é o fundamento, a summa das virtudes, daquellas que decoram o throno dos imperantes, e das que morrem ignoradas na cabana do pastor; é solido alimento dos doctes d'alma daquelles que a humanidade entesoura para o reino dos céos, dos que distinguem dignamente a soberania da terra, e de todos que a religião consagra sem differença em frente do magestoso mausoléu de principes famigerados, ou sobre a campa humilde do vassallo desconhecido.

Oh! como é agradável, no meio mesmo da pungente dor que nos despedaça os corações, lançar na historia dos homens o nome augusto da SOBERANA que subiu ao throno por voto e esforços geraes da nação! de uma PRINCEZA nascida para reinar, creando no temor de Deos a moral do seu coração, e seguindo firmemente esta moral real de conducta desde o berço até o solio, desde o solio até o tumulo! Permita-se apenas repetir, Senhores, que a probidade e a virtude presidiram á sua régia educação: é o apanagio glorioso da casa reinante de Portugal: a serenissima familia de Bragança presumio em todo o tempo formar principes na virtude, como no sangue: fiel a Deos e á nação, reconhece na educação christãa a primeira base da educação real.

O evangelho é o ornamento mais precioso da soberania; e si o monarcha pôde ostentar esplendor terreno em qualquer religião do universo, ao menos será uma verdade recortada na fatal experiencia de muitos seculos, que só o christão dá aos vassallos a segurança publica de justiça no interior, e a constante opinião de boa fé nas relações exteriores, e no direito das gentes. Os chefes dos Estados muitas vezes cingem brilhantes diademas; porém a sua luz é passageira e tremula, á maneira do clarão phosphorico: só é digno de encher a magestade do throno quem sabe legislar segundo as maximas daquelle por quem reinam os reis.

A SENHORA DONA MARIA SEGUNDA, com virtudes e grandezas do real berço, teve mais um dom da Providencia: além de um pai que a collocou no throno, que tudo sacrificou, até a propria vida, para a gloria de sua filha; ella teve uma mãe extremosa, e sem reserva, dedicada a formar o seu espirito, modelo de virtudes, honra de sexo,

e lustre da monarchia: parece que as mãos, os conselhos, os cuidados, e os olhos da sabedoria se disputavam o dever e o gosto de santificá-la para o céo, e de instruí-la para o throno: lições e exemplos ensaiaram a infantil innocencia da PRINCEZA, para que as virtudes apparecessem a tempo opportuno decorando sua régia juventude. Oh ! que virtudes ! a solida piedade, a docilidade tractavel e nobre, o zelo da religião, uma conducta animada de todo o espirito do christianismo, pesada a miúdo nas medidas do sanctuario, estranha ás fraquezas da idade, como aos perigos da córte.

Vio-se logo brilhar nella quanto ao depois admiramos na marcha augusta de seus dias suspirados. A casa da PRINCEZA foi um palacio, e um retiro : morava ali a modestia adquirida na solidão com a urbanidade estudada no uso do mundo : a gravidade soberana que referia a grandeza do régio sangue com o melindroso pejo que denunciava o fundo de eminente virtude : a penetração, que prevenia ás mais das vezes os pensamentos alheios, e a sinceridade de lingoagem nunca desmentida, nem por vangloria, nem por interesse : a fidelidade inviolavel em quaesquer relações de sua elevada situação : emfim, o temor de Deos nem austero, nem relaxado, que mereceu constantemente os elogios da nação, e que nunca foi terrivel a pessoa alguma.

Ah ! quem me dera saber expressar, juntamente com a moral, a magestade de seu caracter soberano ! Dotada de fortaleza e de resignação, ella sabia pezar os perigos, sentir os males, reprimir as desordens, remediar as desgraças sem alterar a dignidade do semblante que foi sempre igual na prosperidade e nos revezes.

Chamada por seu augusto pai, immortal fundador do imperio brasileiro, e incansavel restaurador da monarchia constitucional portugueza, para cingir a corôa, empunhar o sceptro que elle legitimamente herdára, ella no meio mesmo das tumultuosas ondas que então agitavam o reino, só teve um pensamento, um unico desejo, o de nunca perder de vista o bem commum do povo sobre que ia reinar. Aprendia ainda a manejar os negocios publicos, e já era a protectora do seu povo.

PRINCEZA tão nobre, como RAINHA vigilante, sentada no throno, ella desconheceu sempre o genio de partido,

e os passos falsos da dissimulação; o veneno da intriga, que precipita ou suspende o movimento das côrtes, que choca os interesses estranhos, para compôr os proprios; que procura tirar partido dos corpos que se combatem, que vive na sombra de ministerios, pratica a insidiosa arte de conhecer e de reservar, ri de supplantar rivaes, sejam innocentes ou culpados, emprega a probidade para sorprendê-la, e obriga a verdade a servir aos progressos da fraude occulta: o genio da intriga, que a desmarchada vaidade, o vil orgulho dos homens trazem em perpétua agitação no palacio dos monarchas, nunca, nunca teve accesso no real animo da **SENHORA DONA MARIA SEGUNDA**: resignação proverbial, constancia inalteravel animaram aquella que jamais variou sua conducta irreprehensivel. Bem que fossem esperadas, ou improvisas as supremas decisões mais caras ou menos gratas á sua alma, todas pesava na balança dos deveres naturaes, e na magestade do seu poder.

A mesma sabedoria de conducta, que moderava todos os contrastes, fixava tambem a ternura de sua alma, e todos os sentimentos do seu real coração: filha prudente e respeitosa, ella foi tambem a melhor esposa.

A fidelidade e amor conjugal, o mutuo respeito e a justa complascencia, como presidiram, mais estreitaram a ditosa união dos principes. O Senhor abençoou a monarchia: o consorcio da mão que ha de empunhar o sceptro é successo de primeira consequencia para todo o imperio: successo que decide talvez si uma nação inteira por muitos annos será pacifica, ou perturbada, si a abundancia se intornará nas familias, ou si o fogo e o ferro desolará as campinas; e quando o povo superficial dá vivas á nova alliança, o cidadão experimentado pede aos céos que a politica, base voluvel dos casamentos soberanos, seja uma vez constante em sua marcha enganadora. O casamento da **RAINHA** foi feliz em seus resultados, e fez mais que dous consortes, dous corações amigos. Eram nelle as benções do céo, porque estrangeiro a calculos raras vezes justos e alguma vez deshumano, teve por objecto a honra da virtude, e o socego dos povos.

Mas, Senhores, estava reservado nos conselhos eternos um golpe terrivel que veio traspassar o magnanimo co-

ração da virtuosa PRINCEZA ; o esposo por ella escolhido e em extremo amado foi chamado pelo Supremo Dominador do universo, antes de completar-se um anno do seu consorcio.

A necessidade absoluta de dar successores ao throno, em que a collocára seu augusto pai, obrigou-a a contrahir nova alliança matrimonial; escolheu um principe, e a escolha foi digna della e honrosa á nação.

Esta augusta união offerece aos olhos do philosopho o tempo de maior doçura para a SENHORA DONA MARIA SEGUNDA e de maior gloria para a nação. A ternura conjugal, o amor materno, encantos da vida domestica, são ainda mais necessarios aos principes : quasi sempre rodeados de cortezãos e de lisonjeiros, privados cruelmente dos doces bens da confiança e da amizade, se desejam gostar algum dos verdadeiros prazeres d'alma, precisam lançar-se nos braços da natureza.

Mimosas virtudes dadas para deliciar as familias, porque não serão ellas igualmente communs aos reis e aos povos ! A RAINHA soube apreciar as doçuras da vida domestica, e foi sensível a todas. Não me incumbe expor, um a um, seus puros sentimentos : o orador é órgão das acções, e não interprete dos pensamentos : e basta indicar que deu constantemente manifestas provas de respeito, affecto, intimidade consagrada a seu augusto esposo : tão virtuosa como justa, tão justa como generosa, combinou sabiamente a fidelidade que a esposa christãa promete a Deos, toda a contemplação, que a consorte deve a seu esposo, e toda a justiça que uma RAINHA deve a seu povo.

O temor de Deos, que formou a prudente e virtuosa filha, a terna e magestosa esposa, dirigio tambem os santos deveres da boa mãe ; amou tomar sobre si o cuidado da infancia dos principes, occupada assiduamente da sua educação, e desenvolvendo as idéas nascentes, e as propensões infantis de modo não menos digno della que proveitoso á nação : tinha meditado attentamente os perigos do palácio, os perigos da côrte para desviar a toda hora de seus corações innocentes o veneno filtrado nos corações corrompidos: mais que tudo procurou sempre inspirar-lhes humanidade, virtude tão necessaria no peito dos imperantes, e muitas vezes sacrificada nos seus corações...

Portuguezes, si tendes bons principes, si gostais o prazer de ama-los, agradecei á boa mãe ; é aquella sombra augusta que deveis tudo ! A formação das almas nascidas para reinar impõe o dever mais importante do universo, é necessario educar homens para formar principes : é necessario criar principes justos para fazer grandes reis : cada virtude que se lhes inspira é um beneficio geral espalhado a todo o povo : cada omissão é um crime pernicioso ao Estado. Ah ! si o camponez desconhecido deve contas á sociedade da boa ou má educação de seus humildes filhos, que será daquelles que devem educar infantes para governar nações ! ?

A SENHORA DONA MARIA SEGUNDA ponderava tão arduos deveres : eis porque, sendo todos os filhos igualmente caros ao seu coração, ella lhes ensinava que o destino de um povo inteiro dependia das virtudes, ou vicios do principe, do modo de prevenir o mal e de fazer o bem, da influencia que ia ter nos costumes, e do exemplar respeito que devia ás leis : ensinava-lhes a conceber o pavor util, que toca ás almas soberanas ao encarar o quadro das qualidades que as penhoram : a sciencia para julgar, a energia para proceder, a prudencia para meditar, a providencia para combinar futuros, a firmeza nos projectos, o gosto das artes e das sciencias, a estima dos artistas e dos sabios, o genio da liberdade e da magnificencia que ennobrece os soberanos, e o golpe de vista economico que calcula o sangue, as lagrimas, e o ouro ; o imperio de si mesmo que dá perfeito equilibrio á soberania e á dependencia, o justo orgulho que despreza o lisonjeiro, e o tacto moral que prova a verdade : em uma palavra, a consciencia da justiça que faz passar primeiro as acções dos principes pelas virtudes dos homens. A mulher forte procurava-lhes tantas luzes, e a mãe carinhosa fazia-lh'as amar. Mas, Portuguezes, não recordemos estas idéas que vem aggravar as magoas e o lucto nestes dias melancolicos, renovando lagrimas justamente derramadas na perda irreparavel de tão virtuosa RAINHA... eu queria dizer neste bosquejo de melindrosa educação, que a SENHORA DONA MARIA SEGUNDA, como soubera mostrar-se filha digna de reis, tambem sabia ser mãe de principes.

O' vós todos que viveis ainda, que tratastes de perto

as virtudes da RAINHA, dai testemunho á verdade, dizei á face do Senhor e do seu Christo, si houve jámais quem dissesse della uma palavra má. O temor de Deos nativo á sua alma presidio constantemente aos santos deveres, aos caros nomes de filha, de esposa, de amiga, de mãe e de RAINHA. Suas acções particulares são outras tantas virtudes identificadas neste principio christão: o temor de Deos subio com ella para o throno: a Providencia vela em seu feliz reinado: a nação gostosa nunca retirou seus votos, nem foi infiel aos seus juramentos: Deos e as leis cingiram-lhe a corôa, entregaram-lhe o sceptro.

Feliz é o povo, quando o monarcha teme a Deos: o temor de Deos pesa como lei invencivel naquelles que por destino parecem superiores ás leis; mostra um senhor aos que o tem na terra; liga o throno aos principios moraes dos povos: si não as dirige ao bem, ao menos equilibra a impetuosidade das paixões soberanas: offerece ás virtudes reaes, além da gloria externa de practica-las, o estímulo de merecer immortaes recompensas: conserva remorsos a par do poder, e receios ao lado da soberania. O temor de Deos affiança um juiz imparcial entre reis e povos, antolha á miúdo o terrivel thesouro, onde vóa para esperar os monarchas, cada lagrima do innocente que deixaram de enchugar, o sangue derramado injustamente, os suspiros do miseravel que desdeñaram escutar, e o grito do infeliz a que foram insensiveis. O temor de Deos tambem dá elevação e magestade ás almas reinantes: serão modestos e fortes, quando triumpharem, o usoffrerem diante de uma testemunha como Deos: quem medita a paz celeste ha de ser pacifico, quem teme santamente a justiça eterna ama o ser justo, e quem pensa a miúdo a perfeição infinita suspira ser perfeito.

Sublime idéa de Deos, tu enchestes sempre o real animo desta virtuosa SOBERANA: contigo consultava os meios poderosos de manter o socego de seu povo, de conduzir a melhor administração da justiça, e procurar o respeito e os interesses nacionaes: tu animavas seu generoso coração a saborear o gosto do bem publico, que morando em justa proporção com a piedade, é o mais nobre prazer e a mais illustre qualidade dos reis. SUA MAGESTADE temia a Deos sem confundir este principio de religião com as superstições que a deshonoram.

Amante da nação, heroína intrepida, ella desejava a paz e não temia a guerra : pacificadora do seu povo nos arriscados tempos de perturbação, defensora do Estado, si obrigavam circumstancias imperiosas, não foi menos admiravel em administrar a justiça no interior. O sceptro que não enfeixa a vara da justiça deshonra a mão que o sustenta : é a virtude mais nobre dos imperantes, e tambem a mais necessaria aos vassallos. Os imperios são complicadas machinas, onde gyra uma força destructiva tendente a romper o equilibrio e a proporção de deveres reciprocos nas classes dos cidadãos ; é preciso que a justiça reaja para restabelecer a boa ordem, reprimindo as paixões particulares.

Eu não quero dar meritos á SOBERANA por ter amado a justiça ; era seu dever sendo RAINHA : mas sim do particular desvello, da decidida vigilancia que mostrou constantemente em administra-la. Apenas sentio o peso do sceptro, considerou que de Deos o recebera, que a natureza e a politica deviam calar a este pensamento. Emvão a mordacidade ignorante das razões d'Estado, e atrevida até o throno dos reis, intentou neutralisar tão nobre pensamento ; a RAINHA desprezou brados injustos, e a posteridade, juiz imparcial, que não vê senão acções, ha de multiplicar louvores, sem deprimir os sentimentos reaes e nobres de seu magnanimo coração. Na publica administração não ha respeitos de sangue, nem relações politicas, ha só deveres a cumprir com os povos que a Providencia confia á justiça dos soberanos.

Firmada neste santo principio velava assiduamente para manter o imperio da justiça, conservar o vigor das leis que tende a enfraquecer, reanimar as providencias uteis, que o tempo, ou as paixões haviam amortecido, crea-las quando novos males demandavam novos remedios ; fazer executa-las, o que é mais difficil ainda do que crear ; suffocar os vicios capazes de correccão, e soffrer os necessarios ; julgar aquelles que julgavam os homens, perdoar, ou punir os magistrados, que teem de natureza ser fracos e de dever serem perfeitos, abalancando sempre a clemencia soberana com a severidade da justiça.

Severa e clemente na justiça criminal, não se occupava menos em cada um dos diversos ramos da adminis-

tração geral: a boa organização das finanças, d'onde depende o credito publico do Estado, e a segurança dos subsidios nacionaes, mereceram particular contemplação da RAINHA.

Mas providencias tantas não contentaram o seu genio vasto e circumspecto. SUA Magestade remontou-se a observar a origem dos males: sabia que o bom governo funda-se em sabias leis, que ao imperante não compete estuda-las, como ao magistrado, porém abranger o corpo da legislação, e seu espirito geral; sabia que o mais solido e bello character da legislação é a unidade de princípios, ramificando um só tronco primitivo e simples plantado nos costumes do povo, em suas relações, e no seu clima para estabelecer harmonia geral na totalidade das leis: sabia que as ordenanças multiplicadas em cada reinado, explicando, commentando e reformando, e segundo os acasos, ou necessidades, já precisando explicação, comentarios e reformas, davam occasião e pretextos á má fé e ao delicto.

Guiada por estes sabios principios, não deixou de promover relações commerciaes, e de crear os meios de mantê-las util e gloriosamente: honrou a agricultura, mãe do commercio, protegeu sempre as fabricas, obra, estímulo e premio da industria nacional.

Si eu quizesse mostrar o seu zelo verdadeiramente real pela gloria da religião, não me envergonhava de nomear os varões apostolicos, que procurava escrupulosamente para occuparem com dignidade o supremo sacerdocio da igreja: ainda vivem alguns para credito da SOBERANA que os elegeu, e a memoria de todos vivirá sempre.

Senhores, não penseis que a RAINHA fez somente quanto digo; a minha insufficiencia e o tempo que vóa impedem numerar uma a uma as suas virtudes e trabalhos, para ter um momento de dizer-vos que esta augusta SOBERANA ostentou sempre a maior inflexibilidade em politica. Moralisava as acções todas no temor de Deos sem esquecer a honra da monarchia, e a dignidade do sceptro: repellio sempre essa politica voluvel que tem por honesto sómente o util, faz a vergonha dos gabinetes, e desmoralisa os povos: a honra da virtude era a base invariavel das instrucções commettidas a seus ministros nas côrtes estrangeiras.

Mas esta SOBERANA inflexível na sua politica, era generosa em graças, facil e tratavel para todo o mundo. Não disse eu, Senhores, que era difficil seguir a ordem dos tempos? agora digo que é impossivel acabar o quadro. O pincel do orador não pôde abranger as bellezas todas da RAINHA. Olhava a nação como um povo de filhos que ternamente amava; ouvia a todos affavelmente; algumas vezes perguntava o que desejavam, e si não podia contentar a todos, consolava sempre os pretendentes: a bondade daquelle coração respirava nas palavras, nas acções, nas feições mesmas de seu rosto magestoso. O amor pela nação, pelo seu povo foi extremo até formar um sentimento habitual de seu coração magnanimo...

Oh! que lembrança cruel vem agora interromper-me! vem quebrar o fio de tão brilhante narração! Ah! a cadeia de tão heroicas virtudes foi, quando menos se esperava, cortada pela descarnada mão da inexoravel morte: a aurora do dia 15 de Novembro do anno de 1853, menos limpida que d'antes, annunciou aos habitantes de Lisboa que já não existia a excelsa RAINHA DE PORTUGAL, um grito de consternação soou unisono em todos os angulos da soberba capital da lusa monarchia e repercutio em todo o reino: os corações do povo portuguez foram feridos da mais pungente dor desde o mais nobre cortezão até o mais humilde pastor; as lagrimas entornadas em Lisboa engrossaram as correntes do Tejo, e atravessando o Atlantico vieram trazer ao imperio da Santa Cruz, que a vio nascer, a dolorosa noticia de tão prematuro passamento, enchendo assim de magoa e de dor a todos os corações brasileiros.

Sim, Senhores, morreu, já não existe a SENHORA DONA MARIA SEGUNDA, mas seu corpo somente desceu á sepultura, sua alma no céo moldada, ao céo subio, deixando na terra perpetuadas a gloria de seu nome immortal, e a grata memoria de suas raras e exemplares virtudes.

Agora que és anjo, ó excelsa RAINHA, agora que és anjo de luz, pede pela Lusitania, ora pelos Portuguezes: vê esta nação, sobre que reinaste, coberta de lucto, indigente, em cruel orphandade pela prematura morte de sua terna e carinhosa Mãe, e só esperançada nos caros

penhores que lhe deixaste. Lá junto ao throno de Deos reina ainda sobre os Portuguezes, conserva a boa ordem, o amor da justiça, o bem da paz, e melhora a sorte de teus fieis vassallos : implora raioes de bemfazeja luz a bem daquelle que te succeder no throno. Que o Todo Poderoso modere os espiritos perturbadores da terra ; que os profanos da emulação se fechem ao clarão da equidade, e renasçam da justiça dos reis os suspirados bens de tantos povos.

E vós, ó precioso filho, que succedeis ao seu poder ; succedei igualmente á piedade, e a todas as virtudes reaes de seu magnanimo coração : a sabedoria, a bondade, a fortaleza, a justiça, que tem illustrado as providencias do regente, desenvolvam mais si é possivel no throno dos reis. Vós subis a um throno costumado ao socego, ao amor de Deos e á victoria : acrescentai as virtudes e as delicias de um reinado pacifico e brilhante, ao reinado glorioso e immortal de vossa augusta Mãe.

Esqueçam-se, Senhores, ao nome della os titulos profanos, que servem de ornamento vão á tumulos cheios de vaidade humana : não é o mausoléo magestoso, nem as altas columnatas que mandam respeitar os mortos ; nos monumentos pomposos morre a fama dos monarchas, si a virtude não corôa sua memoria, e si a religião não troca em diadema de vida eterna essa purpura e scepro da realza, que nos encobre o vasio da campa dos reis.

A grandeza do mundo não commove o Deos das misericordias ;—são os suffragios do supremo sacerdote de illustre clero pernambucano ;—são os votos do digno consul de Portugal nesta cidade, sim, os votos deste cidadão, que seguindo o trilho de virtudes de seus maiores, ha até hoje captado o respeito dos pequenos, a estima dos grandes, só tendo em vistas o religioso cumprimento dos seus deveres no importante lugar que occupa, deveres de que nunca se afastou, e pelo que é geralmente estimado e respeitado em Pernambuco ;— as humildes orações dos portuguezes, que o acompanham ; da respeitavel commissão, que sobre si tomou a não pequena tarefa de que se encarregou, não poupando pela sua parte meios e esforços, e tanto concorreu para que este acto fosse uma expressão da sincera dor dos Portuguezes pelo

prematureo passamento da melhor RAINHA que empunhou o sceptro de Portugal ; — as fervorosas preces dos Pernambucanos, que aqui se acham reunidos, e mais que tudo a voz immortal de suas virtuosas acções, o precioso sangue da victima incruenta derramado no altar sagrado que fallou bem alto diante do throno do Cordeiro sem mancha.

Tributos santos sobre o tumulo da Serenissima SENHORA DONA MARIA SEGUNDA, RAINHA DE PORTUGAL : acceitai-os, ó Deos de bondade, acceitai-os.

DISSE.





Trabalhos da comissão directora do funeral.

Illm. Sr. — A comissão encarregada de realizar o funeral pela sentidissima morte de SUA MAGESTADE FIDELISSIMA A SENHORA DONA MARIA SEGUNDA, de saudosa memoria, tem resolvido aceitar o offerecimento por V. S. feito no *Diario de Pernambuco* de 7 de Dezembro do anno proximo passado, d'uma peça de musica, que foi executada em Lisboa nas exequias do magnanimo e immortal duque de Bragança. A mesma comissão abaixo assignada, aceitando o seu offerecimento, não póde deixar de lhe testemunhar o quanto lhe é grata por esta offerta; e outro sim scientificar-lhe que tem encarregado da execução da mesma musica ao Sr. Pedro Nolasco Baptista, e incumbido a elle recebê-la das mãos de V. S. para logo que se findem as mencionadas exequias lhe fazer entrega fielmente do que tiver recebido de V. S.; o que lhe fazemos sciente para seu governo.

Deos guarde a V. S. por muitos annos. — Recife de Pernambuco, 14 de Fevereiro de 1854. — Somos com estima e consideração, *Illm. Sr. José Marcellino da Costa*, de V. S. muito attentos veneradores e criados. — *Luiz José da Costa Amorim*. — *José Teixeira Basto*. — *Mathias d'Azevedo Villarouco*, Secretario.

Tendo resolvido alguns subditos portuguezes residentes nesta cidade dirigir os seus humildes rogos ao Todo Poderoso, fazendo celebrar exequias pelo repouso eterno da alma de SUA MAGESTADE FIDELISSIMA A SENHORA DONA MARIA SEGUNDA, RAINHA DE PORTUGAL, de saudosa memoria; os abaixo assignados membros da comissão di-

rectora pelos mesmos escolhida teem a distincta honra de convidar a V. Exe. para assistir a esse acto pio e religioso, que ha de ter lugar no dia 24 do corrente mez pelas 10 horas da manhã, na igreja matriz de San Frei Pedro Gonçalves, e esperam que V. Exe. se dignará acceder ao seu convite, comparecendo á esta manifestação cheia de sentimento e de respeitosa homenagem que os mencionados subditos portuguezes, penalizados por tão prematura e irreparavel perda, prestão ás eminentes virtudes da sua sempre chorada SOBERANA.

Recife, 15 de Fevereiro de 1854. — *Luiz José da Costa Amorim.* — *José Teixeira Basto.* — *Mathias d'Azevedo Villarouco,* Secretario.

N. B. — Igual ao corpo consular, chefes de repartições publicas, redactores dos jornaes, &c., &c., *mutatis mutandis.*

Illm. Srs. — A commissão encarregada de effectuar o funeral pela sentidissima morte de SUA Magestade FIDELISSIMA A SENHORA DONA MARIA SEGUNDA, de mui saudosa memoria, tendo resolvido celebrar as exequias no dia 24 do corrente, na igreja matriz de San Frei Pedro Gonçalves do Recife, e desejando que este acto se torne o mais respeitoso possivel, a mesma commissão pede mui attenciosamente a Vv. Ss. para que se dignem mandar dobrar os sinos de sua igreja desde o dia 23, depois do meio dia, logo que o sino da matriz do Corpo Santo der o primeiro dobre, continuando no dia 24 até findarem as mesmas exequias: é este um obsequio que a mencionada commissão espera que Vv. Ss. accederão, e pelo qual lhes será eternamente grata.

Deos guarde a Vv. Ss. como é mister. — Recife de Pernambuco, 20 de Fevereiro de 1854. — *Illms. Srs. juiz e mesarios da veneravel irmandade do Santissimo Sacramento da matriz de Santo Antonio.* — *Luiz José da Costa Amorim.* — *José Teixeira Basto.* — *Mathias d'Azevedo Villarouco,* Secretario.

N. B. — Igual á irmandade da Senhora Santa Amada Madre de Deos, ao guardião do convento de S. Fran-

eisco, provincial do convento do Carmo, prefeito do hospício da Penha, irmandades de N. S. da Conceição da Congregação, do Rozario de Santo António, do Livramento, do Sr. Bom Jesus das Chagas, do Sr. Bom Jesus dos Martyrios, de N. S. do Terço, de Santa Rita de Casia, da Conceição dos Militares, de S. Pedro, da ordem terceira do Carmo, do SS. Sacramento da Boa Vista, da Santa Cruz, de S. Gonçalo, de S. José de Riba-Mar, do recolhimento da Gloria e do Rozario da Boa-Vista.

A commissão encarregada do funeral pela sentidissima morte de SUA Magestade FIDELISSIMA A SENHORA DONA MARIA SEGUNDA, de saudosa memoria, tendo dirigido convites aos Illms. Srs. chefes de todas as repartições, a fim de se dignarem comparecer com os seus empregados, pede mui respeitosa e desculpavelmente aos mesmos Illms. Srs. empregados de não ter feito os convites a cada um de per si, por não ter tido tempo para isso sufficiente, esperando todavia que se dignarão comparecer em um acto tão digno de todos os respeitos, pelo que desde já lhes tributa a mais distincta gratidão.

Recife de Pernambuco, 21 de Fevereiro de 1854.— *Luiz José da Costa Amorim.* — *José Teixeira Basto.* — *Mathias d'Azevedo Villarouco,* Secretário.

A commissão encarregada do funeral pela sentidissima morte de SUA Magestade FIDELISSIMA A SENHORA DONA MARIA SEGUNDA, de saudosa memoria, tem designado o dia 24 do corrente para celebrarem-se as exequias na igreja matriz de San Frei Pedro Gonçalves do Recife; e como deseja que este acto se torne o mais respeitoso possivel, a mesma commissão mui attenciosamente pede ao mui digno corpo de commercio desta capital, nacional e estrangeiro, para que em demonstração de sentimento por tão infausto acontecimento se dignem fechar os seus estabelecimentos no mencionado dia 24; é este um obsequio, que a supradita commissão espera obter de tão distincta corporação, e pelo qual lhe será eternamente grata.

Recife de Pernambuco, 21 de Fevereiro de 1854.—
Luiz José da Costa Amorim. — *José Teixeira Basto.*
— *Mathias d'Azevedo Villarouco*, Secretario.

A commissão encarregada do funeral pela sentidíssima morte de SUA Magestade FIDELÍSSIMA A SENHORA DONA MARIA SEGUNDA, de saudosíssima memoria, faz publico que tem designado o dia 24 do corrente pelas 10 horas da manhã, para celebrarem-se as exequias na igreja matriz de San Frei Pedro Gonçalves do Recife pelo repouso eterno da mesma Augusta Senhora; e tendo-lhe faltado tempo para dirigir no geral convites directos, a mesma commissão pede respeitosamente desculpa desta falta involuntaria a qualquer pessoa que por esquecimento tenha deixado de ser convidada: todavia espera que lhe será relevada esta ommissão, dignando-se assistir a este acto, pelo que desde já lhe tributa sincera gratidão.

Outro sim, conta que seus compatriotas residentes nesta cidade, darão uma demonstração publica de verdadeiro sentimento por tão irreparavel perda, e espera finalmente o comparecimento dos mesmos na dita igreja, em homenagem devida á nossa virtuosa e sempre chorada SOBERANA.

Recife de Pernambuco, 22 de Fevereiro de 1854.—
Luiz José da Costa Amorim. — *José Teixeira Basto.*
— *Mathias d'Azevedo Villarouco*, Secretario.

**Officio do Sr. consul de Portugal a S.
Exc. o Sr. presidente desta provincia,
sobre objectos relativos ao funeral.**

Illm. e Exm. Sr. — Devendo ter lugar no dia 24 do corrente mez a celebração das exequias pelo repouso eterno da alma de SUA Magestade FIDELÍSSIMA A SENHORA DONA MARIA SEGUNDA, RAINHA DE PORTUGAL,

de saudosissima memoria, as quaes alguns subditos portuguezes residentes nesta cidade resolveram fazer com o decoro e respeito devidos á memoria de tão virtuosa e sempre chorada SOBERANA; tenho a honra de me dirigir á V. Exc., á requisição da respectiva commissão encarregada do funeral, solicitando as convenientes ordens para que durante esse dia se fação nesta cidade as necessarias honras funebres, especialmente nas fortalezas e nos navios da armada imperial; e bem assim que V. Exc. se digne prestar toda a tropa disponível para este acto, que terá principio ás 10 horas da manhã daquelle dia, na igreja matriz de San Frei Pedro Gonçalves do Recife.

Prevaleço-me da occasião para apresentar a V. Exc. os meus respeitos de estima e consideração.

Deos guarde a V. Exc. Consulado de Portugal em Pernambuco, aos 18 de Fevereiro de 1854. — Illm. e Exm. Sr. conselheiro Dr. José Bento da Cunha e Figueiredo, presidente desta provincia. — *Joaquim Baptista Moreira*, consul.

Resposta de S. Exc. ao officio supra.

Illm. Sr. — Annuido ao que V. S. me requisitou em o seu officio de 18 do corrente, expedi as convenientes ordens, não só para que a tropa de primeira linha disponível marche, reunida ao corpo de policia, para a frente da igreja matriz da freguezia do Recife no dia 24 do corrente, afim de assistir ás exequias que alguns subditos da sua nação pretendem fazer pela finada RAINHA DE PORTUGAL A SENHORA DONA MARIA SEGUNDA, mas tambem para que os navios da armada, a guarnição da praça e as fortalezas desta cidade façam durante esse dia as honras funebres do estylo. O que communico a V. S. para seu conhecimento.

Deos guarde a V. S. Palacio do governo de Pernambuco, em 21 de Fevereiro de 1854. — *José Bento da Cunha e Figueiredo*. — Sr. consul de Portugal nesta provincia.

Ordem do dia do commando das armas da provincia.

QUARTEL GENERAL DO COMMANDO DAS ARMAS DE PERNAMBU-
BUCO, NA CIDADE DO RECIFE, EM 21 DE FEVEREIRO
DE 1854.

N. 57.

Tendo os subditos portuguezes residentes nesta cidade resolvido fazer no dia 24 do corrente, na igreja matriz de San Frei Pedro Gonçalves, um funeral pelo repouso eterno da alma da finada RAINHA DE PORTUGAL A SENHORA DOXA MARIA SEGUNDA, o marechal de campo commandante das armas, em virtude das ordens que recebeu da presidencia desta provincia, determina que, no indicado dia pelas oito horas e meia da manhã, esteja postada em frente da referida matriz uma brigada sôb o commando do Sr. tenente-coronel Hygino José Coelho, composta dos batalhões 2.º e 9.º de infantaria, do corpo de policia e de um parque de artilharia de quatro bôcas de fogo, servido por praças da companhia de artifices.

Os corpos irão municiados convenientemente para as descargas do estylo, e o parque de artilharia com o cartuxame necessario para dar um tiro de dez em dez minutos, em quanto durar o acto religioso. Nesse dia a fortaleza do Brum salvará pelo modo indicado no decreto n.º 224 de 24 de Setembro de 1842, e as tropas nas guardas e quartéis terão as armas em funeral. Os instrumentos das musicas cobertos com crepe.

Assignado. — *José Fernandes dos Santos Pereira.*

Candido Leal Ferreira, ajudante de ordens encarregado do detalhe.

(*Diario de Pernambuco de 25 de Fevereiro, n.º 44.*)

Artigos da redacção de diversos jornaes e communicados.

I.

Quão rapidas são as peripecias no drama da vida humana !

Quão incerta e inesperadamente nelle dá-se a solução... solução terrivel que tudo confunde, que toda se resume n'uma só palavra :

Morte !...

Mal no jardim da existencia desabrocha a rosa da vida, riço ventar levantado da região da aniquilação cresta-lhe as lindas petalas, verga-lhe o tenro pedunculo e fa-la em acto successivo oscular a terra do sepulchro, que como barreira insuperavel extrema a vida da morte, o homem do cadaver, a existencia da extineção !

Mesquinho fado da geração humana !

Oh ! quão triste condição está ligada á sua essencia !

« Nasce o homem, soffre e morre ! »

II.

Si não ha nada tão natural como seja o morrer, tambem nada magôa tanto como a subtracção que então soffrem os affectos.

Que vacuo inponderavel nelles não deixa a morte de um pai desvelado, d'uma mãe carinhosa, d'um irmão querido ou d'um amigo prezado !

Não ha coração que não comprehenda esse estado melindroso da alma, não ha espirito que em sua presença se não resinta de sympathica condolencia ; mas a intelligencia concentrada nesse ponto de dolorôsa attracção, recusa objectiva-lo, torna-se ainda deficiente dos dados para uma analyse completa de semelhante situação.

Uma consideração porém se associa a esse quebrar d'alma, uma idéa se insinua por entre tamanhas agruras moeras modificando-as, attenuando-as mesmo em intensidade.

A aniquilação da materia é lei immutavel — todos devem morrer !

III.

Pagando o seu tributo a essa lei providencial, SUA MAGESTADE FIDELÍSSIMA A SENHORA DONA MARIA SEGUNDA deixou de existir no dia 15 de Novembro de 1853, tendo trinta e quatro annos de idade!...

A cadeia que ligava o anjo de bondade á terra, foi despedaçada no elo mais irreparavel; porque a morte sempre impiedosa arrancou-o aos carinhos do esposo inconsolavel, aos respeitos dos filhos innocentes, e á dedicação constante dos leaes subditos de sua corôa.

E como harmonisar-se a natureza com a religião tendo o moribundo o espirito occupado com a presença de entes prezados, que é forçoso deixar... deixar para sempre?

Nessa luta estranha que principio prevalecerá no espirito que se extingue?

A natureza, tão forte?

A religião, tão persuasiva?

Mysterio!...

IV.

Breve foi o seu viver. Oh! ainda cheia de seiva de mocidade, a mão da aniquilação pesou sobre a filha augusta do immortal D. Pedro IV, reclinando-a no tumulo!

Mas que são dez, vinte ou trinta annos para um ser immortal? escreve um grande pensador da França. As penas e os prazeres se esvaem como o vapor, a vida passa rapida, n'um instante se escôa; de sorte que por si só nada é, consistindo por conseguinte todo o seu valor no emprego que della se faz.

Debaixo deste aspecto, pois, longa foi a vida de SUA MAGESTADE FIDELÍSSIMA A SENHORA DONA MARIA SEGUNDA, cujos dias contam-se por actos meritorios, por acções grandiosas de subido valor moral, bastando para prova a fraternisação de todos os Portuguezes, sem attenção ás crenças politicas de cada individualidade, para prantearem a mãe bondadosa que haviam perdido.

V.

De todas estas excelsas virtudes o que resta hoje?
Um cadaver somente, frio, mudo, inerte, leve som-

bra d'aquillo que de precioso levou a morte em seu passar exterminador ?

Não !

As emanações odoríferas da virtude em acção jámais se extinguem — a virtude não morre — como a divindade, de que é uma inspiração, ella deixa após si os seculos sem que influam os seculos na plenitude de seu fulgor.

VI.

Os Portuguezes espalhados pelas differentes provincias do Brasil acabam de comprovar esta verdade intuitiva que deixamos exarada acima, visto como hão sido solidos em venerar a memoria de sua augusta SOBERANA por um impulso de dever generosamente praticado.

Hoje os que residem em Pernambuco celebram por sua vez os officios religiosos pelo repouso eterno da filha do libertador da nação portugueza, da irmã do monarcha brasileiro, da virtuosa SENHORA DONA MARIA SEGUNDA, cujas qualidades superiores estão claramente symbolisadas nessa fusão dos differentes pensamentos politicos dos Portuguezes ; os quaes quer no solo natal, quer em terras estranhas dirigem sinceras oblações ao astro que terminára sua carreira vital.

Abra-se o céu á sua alma, assim como fechou-se a terra sobre seu corpo.

E possa essa vida d'além-tumulo ser-lhe tanto de gozo, quanto é esta que vivemos de lagrimas e soffrer.

(*Do Cosmopolita de 24 de Fevereiro, n.º 11.*)

Celebraram-se hontem com toda pompa, na igreja matriz de San Frei Pedro Gonçalves do bairro do Recife, as exequias solemnes da SENHORA DONA MARIA SEGUNDA, RAINHA DE PORTUGAL e augusta irmã de S. M. o Imperador. Officiou o reverendo vigario da freguezia, e recitou a oração funebre o Sr. padre mestre João Capistrano de Mendonça, prégador da capella imperial.

Assistiram ao acto os Exm. Srs. bispo diocesano e presidente da provincia, os Srs. marechal commandante

das armas, chefe de policia, desembargadores da relação, juizes de primeira instancia, membros da camara municipal, chefes das repartições publicas, consules e vice-consules estrangeiros, officiaes de primeira linha e da guarda nacional, com outras muitas pessoas de distincção, e finalmente todo o corpo do commercio portuguez, a cujas expensas foi feito o funeral.

O templo achava-se convenientemente armado, e o mausoléu sumptuosamente erigido correspondia á importancia da solemnidade, e mostrava-se verdadeiramente digno das insignias reaes que continha.

Dous batalhões de linha com o corpo policial estiveram postados á frente da igreja, e ahí prestaram as devidas honras militares.

Desde a vespera e durante todo o dia tocaram a finados os sinos da cidade; as fortalezas e os vasos de guerra deram as salvas do estylo, atirando de mais pelo correr do dia de quarto em quarto de hora, e conservando-se com bandeiras a meio páo, bem como todas as outras embarcações quér nacionaes quér estrangeiras.

Estiveram fechados todos os estabelecimentos de commercio brasileiros e estrangeiros.

(Diario de 25 de Fevereiro, n.º 46.)

No dia 24 tiveram lugar, na matriz do Corpo Santo, as exequias solemnes pela alma da SENHORA DONA MARIA SEGUNDA, RAINHA DE PORTUGAL, promovidas pelos seus leaes subditos, os commerciantes portuguezes desta praça. O acto foi feito com toda pompa e magnificencia dignas da augusta Fallecida, e foi numerosissimo o concurso de pessoas de todas as categorias que a elle affluiram. S. Exc. o Sr. presidente da provincia mandou prestar as honras funebres militares do estylo, e um simples convite foi bastante para que todas as casas de commercio nacionaes e estrangeiras se conservassem fechadas durante todo o dia. Tanto foi geralmente applaudida e apreciada essa demonstração do mais fino patriotismo, em uma circumstancia em que a morte ferio ao mesmo tempo, ainda que desigualmente, aos dous paes irmãos! *(Diario de 27 de Fevereiro, n.º 47.)*

FUNERAL DA RAINHA DE PORTUGAL.

No dia 24 do corrente mez celebraram-se nesta cidade as exequias pelo repouso eterno da alma de SUA Magestade FIDELISSIMA A SENHORA DONA MARIA SEGUNDA, RAINHA DE PORTUGAL, de saudosissima memoria.

Este acto cheio de sentimento e de religião, teve lugar na igreja matriz de San Frei Pedro Gonçalves do Recife, á expensas de alguns subditos portuguezes, sendo nomeada para o levar a effeito uma commissão composta dos Srs. *Luiz José da Costa Amorim*, *Luiz Teixeira Basto* e *Mathias d'Azevedo Villarouco*, estabelecidos nesta cidade.

Na verdade, o funeral foi digno do fim a que era dedicado.

A commissão e os portuguezes contribuintes devem dar-se por mui satisfeitos pelo bom resultado da ultima homenagem prestada á sua virtuosa SOBERANA.

A igreja, inteiramente forrada de preto, bem armada e illuminada, apresentava um aspecto melancolico e sentimental.

O catafalco em geral era rico e de gosto ; na parte exterior forrado de velludo preto com galão de prata, e na parte interior de velludo rôxo e galão de ouro.

O todo do catafalco era exteriormente formado de oito columnas da ordem *corinthia* ; isto é, quatro columnas centraes que sustentavam uma cupula oval, no cimo da qual estavam collocados o brazão e corôa de Portugal, cobertos de crepe, sahindo dos dous lados do brazão quatro estandartes portuguezes — o primitivo da monarchia, o nacional, o estandarte real, e o da casa de Bragança ; — as quatro columnas lateraes unidas ás do centro, continham em cada um capitel a sua figura allegorica com os pavilhões do Brasil e Austria, Hespanha e Napolles, significando deste modo as quatro nações, cujas casas reinantes são parentes da de Portugal.

Ocupava o catafalco uma quarta parte da igreja, era de base trinta e sete palmos quadrados, cincoenta e cinco de altura, e mais cinco elevado do chão, sendo além disto circulado de uma grade bem disposta com duas escadas, uma para o lado do alta-mór, e a outra para a entrada principal do templo.

Dentro do catafalco havia uma eça menor de quatro columnas toda forrada de velludo rôxo, com apanhados de seda da mesma côr elegantemente bordada, e continha no centro, além do tumulo sustentado por quatro leões, as insígnias reaes, — o manto de velludo carmezim matisado a ouro fino, e sobre elle uma almofada da mesma fazenda com grandes borlas tambem de ouro, onde se viam collocados a corôa e o sceptro, cobertos de um longo véo preto : terminando a armação desta eça n'uma cupula elevada e de fôrma elliptica, em cujo cimo pairava uma *pomba branca*, symbolisando o notavel acontecimento succedido em Lisboa na occasião do enterro e passagem do real corpo de SUA Magestade a RAINHA para S. Vicente de fóra.

O alta-mór e os lateraes estavam igualmente cobertos de preto, e disposta com symetria a iluminação do templo, apparecendo no alto do primeiro uma grande imagem do Redemptor Crucificado, e embaixo, do lado do Evangelho, um docel tambem de velludo, encarnado, coberto de crepe, o qual representava o throno dos monarchas portuguezes.

O cantico grave dos padres acompanhado dos sons maviosos da *serafina*, a musica terna, harmoniosa e sentimental do *maestro Ostronobe*, as fardas e as condecorações que luziam ao clarão funebre das tochas, e os assistentes com vestes de luto, davam ao todo desta cerimonia religiosa um aspecto lugubre, mysterioso e tocante !

Havia na armação e na concorrência, um apparato de pompa misturado ao mesmo tempo do sentimento de religião e respeito, proprios do acto e motivo a que eram consagrados.

Compareceram ao funeral o Exm. e Rym. bispo diocesano, os membros do cabido da Sé de Olinda, e diversas ordens religiosas, o Exm. presidente da provincia e o seu secretario, os Exms. commandante das armas e brigadeiro Pacheco, desembargadores da relação, camara municipal, deputados, chefe de policia, commandante das forças navaes, a sua officialidade e o capitão do porto, commandantes e officiaes da guarda nacional e da primeira linha do exercito, titulares, o corpo consular estando a seu lado o consul de Sua Magestade Fidelissima acompanhado do vi-

ce-consul e do segundo tenente da armada real portugueza A. A. Rodrigues Isaac, os chefes de diferentes repartições e os seus empregados, juizes, lentes, advogados, o corpo do commercio nacional e estrangeiro, e muitas outras pessoas gradadas da provincia, que enchiam o templo em numero de mais de mil, sendo todos recebidos á entrada por uma commissão de nove membros, subditos portuguezes, para este fim escolhida.

Durante o dia 24, as fortalezas e as embarcações de guerra, os navios mercantes, nacionaes e estrangeiros, e a guarnição da praça fizeram as honras funebres do estylo, salvando as primeiras de dez em dez minutos; bem como os consulados estrangeiros estiveram com as respectivas bandeiras a meio pão.

A' requisição do consul portuguez, com quem a commissão directora sempre se entendeu e esteve no melhor accôrdo, marchou toda a tropa disponível com as armas em funeral, commandada pelo tenente-coronel Hygino José Coelho para o lugar e immedições do templo, onde um parque de artilharia atrava de dez em dez minutos durante a celebração das exequias, as quaes principiaram pouco depois das dez horas da manhãa, e findaram pelas cinco e meia da tarde.

O vigario da freguezia de San Frei Pedro Gonçalves foi quem officiou, não podendo pontificar, pelo seu estado de saúde, o Exm. bispo diocesano, que todavia se pres-
tou a officiar no *castrum doloris*.

A oração funebre foi recitada pelo prégador da capella imperial, o Rvm. padre João Capistrano de Mendonça.

A musica, executada pela primeira vez nesta cidade, pelo mestre Pedro Nelasco Baptista, foi a mesina que servio em Lisboa nas exequias de S. M. I. o Duque de Bragança, sendo offerecida á commissão pelo professor José Marcellino da Costa, unica pessoa que a possuia.

O risco e a execução da armação são do armador portuguez Miguel Esteves Alves, que mui bem e a contento de todos desempenhou os seus trabalhos.

Neste dia todos os estabelecimentos publicos, e os de commercio nacional e estrangeiro, estiveram fechados; foi enfim um dia de dor e de verdadeiro sentimento para os bons portuguezes e brasileiros.

A commissão directora, o consul portuguez, o Exm.

presidente, as autoridades brasileiras, e todos os interessados, muito concorreram para tornar este acto digno da alta personagem, por quem dirigiam ao Todo Poderoso os seus sinceros rogos.

Honra e louvores, com especialidade á commissão dos tres membros, que pela sua parte não poupou meios nem esforços para a realisação do funeral com a pompa e decôro devidos á sua augusta SOBERANA, sendo certo que excedeu á expectativa publica, sendo finalmente da mesma sorte dignos de elogios os Srs. Antonio Ramos e Antonio de Souza Pavolide, os quaes muito auxiliaram a mesma commissão com os seus bons serviços e prestimo.

Recife, 28 de Fevereiro de 1854.

* * *

(*Diario de 6 de Março, n.º 55.*)

FUNERAL QUE SE FEZ NESTA PROVINCIA DE PERNAMBUCO, NA IGREJA MATRIZ DE SAN FREI PEDRO GONÇALVES DO RECIFE, AOS 24 DE FEVEREIRO DE 1854, PELA SENTIDÍSSIMA MORTE DA NUNCA ASSÁS CHORADA RAINHA DE PORTUGAL.

Eram tres horas de tarde do dia 23 de Fevereiro, quando nesta cidade repercutia o bronze, dobrando a finados em todas as igrejas, e continuando toda a tarde; o que contristou os habitantes da nobre cidade do Recife de Pernambuco: em todos os semblantes se divisava a dor e o sentimento; a consternação era geral.

Rompia a aurora do dia 24, quando, pelas cinco horas, estrôndavam os ares ao estampido do canhão; era a fortaleza do Brum, que com vinte e um tiros annunciava aos habitantes desta cidade que n'aquelle dia se celebravam exequias pela alma d'alguma grande personagem, e na continuação do atirar de quarto em quarto de hora.

As seis horas da manhã salvavam todos os navios de guerra surtos no porto, amanhecendo, tanto estes como os mercantes, nacionaes e estrangeiros, com vergas cruzadas e as bandeiras e signaes em demonstração de lucto, continuando a atirar tambem de quarto em quarto d' hora.

A guarnição toda da cidade estava com as armas em

funeral, os estabelecimentos nacionaes e estrangeiros fechados, os consules de todas as nações com as respectivas bandeiras em funeral. Todo esse apparato funebre indicava um dia excepcional, um dia verdadeiramente de lucto, e que alguem tinha transposto os umbraes da eternidade; porém que não era outrem senão uma RAINHA idolatrada por seus fieis subditos, uma MÃE commum de todos, uma ESPOSA das mais virtuosas, que deixára de existir para ir unir-se ao seu progenitor, ao heroe de dous mundos, o preclaro D. PEDRO I do Brasil, e IV de Portugal, o sempre immortal duque de Bragança; e que das mãos do Ente Supremo foi receber o premio de suas virtudes !.....

As sete horas marchou uma guarda de honra com bandeira, e o instrumental da musica rigorosamente coberto de lucto, tocando sentidissimas marchas funebres, a posar-se em frente do templo, collocando sentinellas em todas as portas do mesmo para evitar o encher-se a igreja de gente, além dos convidados.

As nove horas marchou toda a força disponivel, existente nesta cidade, formando uma brigada composta do 2.º batalhão de infantaria, 9.º de caçadores, corpo policial e um parque de artilharia de quatro bocas de fogo, ao mando do Illm. Sr. tenente-coronel Hygino José Coelho; occupando o largo da praça do Corpo Santo, em frente do templo, estendeu a brigada, tomando a direita pela rua do Trapiche e a esquerda pela rua do Vigario, collocando-se o parque no caes da Lingueta com a frente para o mar: a officialidade e praças que compunham esta brigada tinham o signal de lucto.

As tres portas principaes do templo achavam-se cobertas de preto com cortinas, tendo por cima as armas e o escudo de Portugal cobertos de crepe, e tambem reposteiros de velludo preto com o escudo d'armas de Portugal igualmente coberto de crepe.

A igreja achava-se toda forrada de preto, sendo nas tribunas e altares lateraes de panno, e na capella-mór de velludo com galões de prata. A igreja e a eça estavam illuminadas em mui boa ordem, o que apresentava uma perspectiva digna de respeito, e ao mesmo tempo melancolica!

No centro da igreja, tomando quasi uma terça parte do templo, achava-se formado um catafalco, o qual

tinha de base quarenta palmos quadrados e sessenta de altura, entrando cinco acima do chão; este catafalco chamou toda a attenção dos espectadores, pela riqueza e elegancia com que se achava armado. Elle era formado de oito columnas forradas exteriormente de velludo preto e galão de prata, e na parte interior de velludo rôxo e galão de ouro; destas oito columnas as quatro centraes sustentavam uma cupula oval, em cima da qual se achava collocado o escudo d'armas de Portugal, todo coberto de crepe, tendo á direita e á esquerda os quatro estandartes portuguezes — o primitivo da monarchia, o actual, o estandarte real, e o da casa de Bragança. As quatro columnas lateraes, ligadas ás centraes, continham em cada capitel uma figura emblematica com os pavilhões respectivos do Brasil, Austria, Hespanha e Napoles, indicando desta maneira o parentesco que existe entre as casas soberanas destas quatro nações. Pela parte interior do catafalco havia uma eça menor, de quatro columnas, forrada de velludo rôxo com apanhados de seda da mesma cor, elegantemente bordado, contendo no centro, além do tumulo, sustido por quatro leões, as insignias reaes: — o manto de velludo carmesim, matisado a ouro fino, em cima do qual se achava uma almofada do mesmo velludo, com grandes borlas de ouro, e onde se viam collocados a corôa e o sceptro cobertos de um grande véo preto, terminando a armação desta eça por uma cupula elevada e de forma elliptica, em cima da qual pairava uma pomba branca, significando o mysterioso e notavel acontecimento dado em Lisboa, na occasião do sahimento do real corpo de SUA Magestade A RAINHA para San Vicente de Fóra.

Na capella-mór achava-se collocada no throno uma grande imagem do Crucificado, e ao lado do evangelho estava um docel representando o throno dos monarchas portuguezes, sendo de velludo encarnado e coberto de crepe.

Nas duas escadas do catafalco, abertas pelo gradame do mesmo, foram collocados quatro porta-machados do segundo batalhão de infantaria.

A concurrencia foi excessiva: compareceram o Exm. e Bvm. Sr. bispo diocesano, os membros da cathedral, os religiosos dos conventos do Carmo e San Francisco, os clerigos da capital, os Exms. Srs. presidente da pro-

vincia e seu secretario, marechal commandante das armas e brigadeiro José Leite Pacheco, titulares, desembargadores da relação, camara municipal, deputados, chefe de policia, commandante das forças navaes e sua officialidade, capitão do porto, commandante superior, e commandantes e officialidade da guarda nacional e primeira linha, corpo consular, chefes de todas as repartições publicas e seus empregados, juizes de primeira instancia, advogados, lentes, corpo de commercio nacional e estrangeiro, e muitas pessoas gradas da provincia.

O templo estava cheio de espectadores, tudo na melhor ordem possível: o aspecto que apresentava o acto infundia um profundo respeito, digno sem duvida do lugar e da augusta cerimonia que ia principiar.

Eram dez horas da manhã quando principiou o *memoramento*, o que foi annunciado com vinte e um tiros, dados pelo parque de artilharia, correspondido pela brigada com tres descargas de fuzilaria, continuando o parque a atirar de dez em dez minutos.

Officiou no acto o reverendo vigario da freguezia de San Frei Pedro Gonçalves do Recife, não podendo pontificar, pelo seu estado de saude o não permittir, o Exm. bispo diocesano, prestando-se todavia a officiar no *castrum doloris*.

A oração funebre foi recitada pelo Rvm. padre mestre prégador da capella imperial João Capistrano de Mendonça.

A musica, que servio nestas exequias, e que foi pela primeira vez executada nesta provincia, é composição do distincto maestro Mathias Ostronobe, e é a mesma que servio em Lisboa, no mez de Setembro do anno de 1834 para as exequias de S. M. Imperial o grande e immortal duque de Bragança. Foi offerecida á commissão encarregada do funeral pelo professor de musica José Marcellino da Costa, o unico que a possuia, e executada pelo mestre Pedro Nolasco Baptista. A execução foi completamente satisfactoria, não deixando nada a desejar, unindo-se aos seus sons maviosos o cantico grave dos sacerdotes; o que tornou inteiramente este acto o mais tocante que esta cidade tem presenciado.

A decoração do templo foi obra do artista portuguez Miguel Esteves Alves, ao qual cabe uma corôa de louro pelo modo com que desempenhou sua ardua quão glo-

riosa tarefa: nesta parte nossa debil penna é insufficiente para lhe render os elogios a que tem indisputavel direito; por isso honra e gloria a tão distincto artista pelo modo com que satisfez a expectação publica e os encargos que lhe deu a illustre commissão.

Eram cinco horas da tarde quando se concluíram as exequias, dando por ultimo a brigada tres descargas de fuzilaria e salvando o parque, com o que terminou o solemne funeral que nesta cidade se fez em honra e pelo repouso eterno da alma da illustre finada, filha do immortal D. Pedro, duque de Bragança, o magnanimo abdicador de duas corôas.....

Esse dia foi verdadeiramente de rigoroso lucto, o sentimento tornou-se unisono em dous povos irmãos; a heroica e sempre nobre cidade do Recife de Pernambuco nesse dia eternizou-se; os Portuguezes residentes nesta briosa capital, de recordações gloriosas, jámais se esquecerão da tão grande divida que contrahiram, pela demonstração franca e sincera que os habitantes nacionaes lhes deram no acompanhamento de sua dor pela perda irreparavel que soffreram na prematura morte de sua augusta quanto prezada SOBERANA.

Felizes todos os soberanos si em seus passamentos deixassem tão vivas recordações de suas virtudes, que seus subditos ficassem tão impressionados com sua perda, e retalhados de uma tão amarga dor, de uma tão viva e sangrenta saudade.

Cada qual á porfia, sem distincção de credo politico, se esmerava em declarar e proclamar as eminentes qualidades e virtudes da AUGUSTA FINADA, por quem hoje entoamos preces, para que o Todo Poderoso lá na mansão dos justos receba essa *alma candida*, que despida das misérias humanas foi receber o premio celeste, como bem o demonstra a *brancã pomba* que a saudou no baptismo e a acompanhou no prestito funebre.

Não podemos terminar esta fiel narração sem louvar a digna commissão, composta dos Srs. Luiz José da Costa Amorim, José Teixeira Basto e Mathias de Azevedo Villarouco, pela maneira honrosa com que desempenhou a sua ardua tarefa, e bem assim a todos os que contribuíram para um tão nobre fim.....

(*Liberal Pernambucano de 11 de Março, n.º 425.*)

POESIAS.

À SENTIDÍSSIMA MORTE

DE S. M. F.

A Senhora Dona Maria Segunda,

DE SAUDOSA MEMORIA.

PELO DOUTOR IGNACIO FIRMO XAVIER.

I

Longe prazeres ; engraçados risos
Em nossos labios não assomem hoje ;
O luto envolva o peito, o pranto diga
A dor que sente.

Portugal, oh ! Brasil, irmãas amigas,
Carpi da SOBERANA a infausta sorte,
Mãe e Filha perdestes, que vos resta ?...
Saudade eterna.

Mimos, prazeres, engraçados risos
Ao nascer em seu berço lhe offertastes,
Rôxo pranto, suspiros bem magoados
Soltai na lousa.

Morreu, já não existe o Anjo Augusto,
Que terna e meiga vos unir sabia :
Morta, por vós o seu amor infiltra
Nos charos filhos.

No transumpto do bem perdido ha pouco
Da Régia Magestade olhai a frente,
Frente sublime em que o céo fulgores
Lhe reflectia.

União fraternal, amor, virtude,
De sua alma era o brado ; forte, immenso
Por vós bateu-lhe o coração no peito
Até á morte.

Portugal, oh Brasil, irmãs amigas,
Carpi da SØBERANA a infausta sorte,
Mãe e Filha perdestes, que vos resta ?...
Saudade eterna.

II

Povo irmão, ante esta lousa
Onde a RAINHA repousa
Joelhai, e á Divindade
Elevai preces ao Céu,
Que o Anjo que ella vos deu
Vôou para a eternidade.

Bélla ainda como a rosa
Em sua estação formosa
Expirou martyr de dôres,
Mais um fructo ella vos dava,
Pelo amor que consagrava
Aos filhos dos seus amores.

Onde está da infancia o riso ?
Da puberdade o paraizo,
O paraizo de amor ?
Sòb a campa fria e dura,
No meio da sepultura,
Cercados de pranto e dôr.

Não tem ahí lindas flores
Que a morte não tem primores,
Primores que a vida adora ;
Em vez de nirtho cypreste.
Saudades, flores celestes
Rega o pranto que a alma chora.

Outr'ora tanta alegria,
Tanto bem, tanta magia,
E em que tudo se tornou ?
Em morada de lamentos.
De tristonhos pensamentos :
Quiz a morte, isto firmou.

Carpi, carpi, corações,
De ambas as doudas nações,
Que um bem perdestes — que mal !
Era um Anjo essa gentil
Meiga Filha do Brasil,
Doce Mãe de Portugal.

Povo irmão, ante esta lousa
Onde a RAINHA repousa
Joelhai, e á Divindade
Elevai preces ao Céu,
Que o Anjo que ella vos deu
Vôou para a eternidade.

III

Que silencio oh ! meu Deus o tumulto envolve
Tão sentido de dôr !
Aqui da morte só os sons resôam
Nem um só diz amor !

Amor, o que és tu da morte ao lado ?
Um horrivel tormento,
Que o peito fere, o coração esmaga,
Esmaga o pensamento.

Titulos, pompas, que vos cobre o luto
Em dourado ataúde,
Vaidades d'este mundo não, não sois.
Que fostes da virtude.

Luz que allumiais da morte o estrago,
Das dôres os farpões,
Si a vida retratais, tambem da morte
Desenhais as feições.

Tremulas qual sois, assim tremúla vida
Nestes valles do mundo,
Emquanto o sópro da mesquinha morte
Não a abysma no fundo.

Virtudes só não morrem, quando as luzes
Da existencia se apagam :
Feliz quem como ella luzes deixa,
Que os corações affagam.

IV

De joelhos, ó povos das duas nações,
Tão cheias de brio, de gloria e valor ;
De joelhos á FILHA, á MÃI, á RAINHA
Ao céo elevai um canto de dor.

De joelhos, ó povos, da patria o retrato
Na lousa p'ra sempre vai ser encerrado :
Chorai sua perda, que a morte não dobra
Destinos que rege, que tem promulgado.

De joelhos, ó povos que a patria adorais,
Que a patria servis com honra e valor,
No templo de DEOS, de joelhos, de joelhos,
Ao céo por MARIA orai ao Senhor !

Pernambuco, 24 de Fevereiro, 1854.

(Do *Cosmopolita* de 24 de Fevereiro, n. 11.)



TRIBUTO ÀS CINZAS

DA

Sua Real Magestade a Senhora Dona Maria Segunda.

OFFERECIDO A THOMAZ PEREIRA DE MATTOS ESTIMA

POR

FRANCISCO ANTONIO CESARIO D'AZEVEDO.

Oui, c'est la vie. Après le jour, la nuit livide ;
Après tout, le reveil, infernal ou divin.
Autour du grand banquet siège une foule avide ;
Mais bien de conviés laissent leur place vide,
Et se levent avant la fin.

VICTOR HUGO — *Fantôme.*

Vinde, candidas rosas, açucenas,
Vinde, rôxas saudades,
Orvalhai, tristes lagrimas, as c'róas,
Que hão de a campã adornar por mim depostas
Em holocausto á victima da morte.

A. GONÇ. DIAS — *Prim. Cant.*

I

Que vejo na fronte escripta
De uma nação toda afflicta,
Que marcha como proscripta ?...
— Uma indelevel tristeza !...
Vão seus pendões abatidos...
Os seus escudos partidos...
— Retumba o ar com gemidos
Desde o povo á realeza !

Soldado ! a fronte que outr'ora
Brilhava, vai marcha agora...
Negro pallor a descora !...
— Que desgosto te comprime ?
Comtigo a patria gigante
Tambem geme neste instante...
Tambem soffre, delirante,
A dor que a alma lhe opprime !...

Roucos sons nos ares sóam
Dos canhões, que lá rebóam...
Dobrando, os sinos resóam
No alto do campanario !...
A realza contrieta
Se mistura á turba afflicta,
Que chora... geme e se agita...
Envolta em negro sudario.

Alli... no meio da plebe,
Do que apenas se apercebe,
Negra idéa se concebe...
Bem negra... que causa horror !...
— Porque tu gemes, soldado,
Sei-o eu... tu vas calado ;
Mas nos ais que tens soltado
Soletrei a tua dor.

Soletrei !... Já não existe
A tua RAINHA !... Triste
Na hora fatal a viste
Deixar o seu Portugal !...
Viste-a o Filhinho abraçando,
Nos braços do Rei Fernando,
Entre phrases soluçando...
Dar-lhe o suspiro final.

Abram-se as fontes do pranto
Para chorar tanto... tanto !
A perda de um Anjo Santo...
ESPOSA, MÃI e RAINHA !...
Choremos seu passamento
Tão prematuro e cruento...
Curvemos o pensamento
A' dor que a alma amesquinha.

II

E ha pouco no throno RAINHA sob'rana
Na morte tão perto nem ella cuidava !...
Tambem sua patria da sorte tyanna
Tamanha desgraça jamais esperava.

Soffria, é verdade, soffria temores
Na phase em que p'riga das mãis a existencia ;
(E ella que sempre soffrêra rigores!)
Mas inda esperava de Deos na clemencia.

Sôou esse instante, que ás vezes funesto
A vida arrebatada da mãe e do filho!
Assim n'um instante, que vôa tão presto,
Perdeu Portugal da purpura o brilho.

Outr'ora aprazível, agora tristonho,
Desfaz-se nos prantos, que verte em tristuras!
A sua RAINHA?... parece-lhe um sonho...
Desperta, quer vê-la... só vê amarguras.

Só ouve o estampido das peças troando,
E o crepe da morte, que tudo reveste...
E os sinos no alto das torres dobrando,
No throno o esquife... no esquife o cypreste!

A sua RAINHA? — Parece-lhe um sonho
No throno não vê-la... no feretro acha-la!
Aquelle semblante tão bello e risonho
Não tem mais um riso... não olha... não falla!

III

Foi assim, Portugal, que tu soffreste
Nesse dia fatal!
Mas sentimos tambem o que perdeste,
Talvez com dor igual.

Do nosso Imp'rante a IRMÃ, a FILHA Augusta
Do Monarcha primeiro,
Tambem hoje choramos, tambem custa
Ao povo brasileiro.

Vê alli... Nossas praças 'stão cobertas
Tambem de luto e dô!...
Nossas ruas sem povo, estão desertas,
Que o povo geme... só!

Dobram também a funeral os sinos
No campanario ;
Todos trajam na dor, velhos, meninos,
Negro sudario.

As phalanges brasileiras, decantadas
Por seu alto valor,
Hoje marcham humildes e curvadas
Sób o peso da dor.

Varrendo o pó também nossas bandeiras
Lá vão enfuneradas ;
Que desordem se encontra nas fileiras
Dos nossos camaradas !

Tambem nos ares o canhão rebóia
De espaço a espaço ;
E dos infantes o fuzil resóia
Com mais fracasso.

Chora nos campos a plumosa gente...
Resóia o monte...
Contraem-se as flores de sofrer pungente...
Lá geme a fonte !...

Tua RAINHA ?—Portugal perdeste
Para mais não ver !
Dizem dobres, canhões, diz o cypreste,
Diz o povo—a gemer.

E o Brasil que te segue como irmão,
Neste transe cruel,
Tambem tem nesta dôr o seu quinhão,
Sabendo ser fiel.

IV

Soldado !—A fronte, que outr'ora
Brilhava... vai murcha agora...
Negro pallor a descora !...
Já sei que mal te comprime...

Não gemas só... que a tristeza
Tambem cobre a realza...
Tambem o throno foi preza
Dessa dôr que nos opprime.

Teus filhos, cá nesta terra,
Que os labios tambem descerra
Pelo sentir que os aterra,
Tambem soffrem mais e mais !...
Soffrem mais ; porque distante
Estão da patria gigante,
Onde o sol viram brilhante...
Onde ficaram seus pais.

Unamos nossos clamores ;
Sejam iguaes nossas dôres ,
Na lyra dos trovadores,
Da ESPOSA, MÃI e RAINHA !..
Choremos o passamento,
Tão prematuro e cruento...
Curvemos o pensamento
A' dor, que a alma amesquinha.

De San Frei Pedro Gonçalves
Ao templo marchemos graves,
Para soltarmos suaves
Nossas pias orações ;
Ouça o mundo admirado
O clamor amargurado,
Que nos sabe tão soluçado
Do fundo dos corações.

24 de Fevereiro de 1854.

(De um folheto.)



OFFERECIDA

AO CORPO DE COMMERCIO PORTUGUEZ DESTA CIDADE

POR OCCASIÃO DO FUNERAL DE

S. M. F. a Sr.^a Dona Maria Segunda,

PELO ARTISTA DRAMATICO

José da Silva Reis.

Curvai commigo a frente, ó Portuguezes !
Ouvi da patria o grito lastimoso...
Ouvide, que é da morte mensageiro
O grito doloroso !...

.....
.....
.....

Patria... oh ! minha patria ! quem dissera,
Que tão cedo jazesses na orphanade !
Que a MÃI que te adorava carinhosa
Voasse á eternidade !

Quem dissera que as galas que trajavas
Haviam converter-se, e tão asinha,
No lucto que reveste um povo inteiro
Sem MÃI e sem RAINHA !

Sem Rainha, que é morta a gram PRINCEZA
Que ao throno fez alçar a liberdade !
ESSA que exemplos mil deu de virtudes
A toda a humanidade !

Rainha que môdêlo foi ao mundo
De CONSORTE, de MÃI e de REGENTE :
FILHA digna de PEDRO, o Rei magnanimo,
Lá dorme em San Vicente !

Dorme, mas acordada aos Portuguezes
Lhes ficará eterno na memoria
Da SEGUNDA MARIA o nome egregio,
Seus fados, sua gloria !

Oh ! decretos de um Deos omnipotente !...
Sua vontade e leis são tão supremas,
Que a um aceno seu as vidas tombam,
Os sceptros e os diademas.

Curvai, curgai a frente, ó Portuguezes !
Prostremo-nos, prostrai-vos, estrangeiros...
A divida de um vivo para um morto
Paguemos os primeiros ;

Primeiros que na plaga americana,
Acolhidos á sombra da mangueira,
Choramos a RAINHA portugueza,
PRINCEZA brasileira !

Eis pois, oraí commigo, oremos todos...
Entoem-se as tristes preces d'amargura...
RAINHA, e MÃI, e 'SPOSA, o que ella é hoje ?...
É pó na sepultura !!!

.....
.....
.....

E em prantos consternados, Portuguezes,
Ouvi da patria o grito lastimoso...
Ouvide, que é da morte mensageiro
O grito doloroso !

Recife, 24 de Fevereiro de 1854.

(*Diario de 24 de Fevereiro, n.º 45.*)



Agradecimento da commissão.

A commissão que foi encarregada do funeral pela sentidissima morte de SUA Magestade Fidelissima A SNR.^a DONA MARIA SEGUNDA, de saudosa memoria, vem por este jornal agradecer e fazer publico o quanto se acha penhorada e cheia de reconhecimento para com os EXMS. Srs. bispo diocesano, presidente da provincia, commandante das armas e titulares, que compareceram com os Illms. Srs. chefe de policia, desembargadores da relação, juizes de primeira instancia, membros da camara municipal, capitão do porto, commandante da estação naval e sua officialidade, chefes das repartições publicas e seus empregados, corpo consular, corpo de commercio nacional e estrangeiro, officiaes da guarda nacional e primeira linha e do corpo de policia, religiosos dos conventos do Carmo e de San Francisco, membros da cathedral, confrarias encarregadas das igrejas desta cidade, com especialidade os mui dignos juiz e mesarios da irmandade do Santissimo da igreja matriz de San Frei Pedro Gonçalves, com o Rvm. Sr. padre mestre prégador da capella imperial João Capistrano de Mendonça.

Igualmente a commissão presta um voto de reconhecimento aos Illms. Srs. Antonio Ramos, Antonio de Souza Pavolide, José Marcellino da Costa, Pedro Nolasco Baptista, Miguel Esteves Alves, e finalmente a todas as pessoas que assistiram ao supradito funeral no dia 24 do corrente, e que concorreram com sua coadjuvação para aquelle acto tornar-se com toda a pompa, ordem e brilhantismo que se presenciou.

Outro-sim, a mencionada commissão pede mui attentiosamente desculpa de qualquer omissão que por acaso apparecesse no desempenho de suas funcções, e espera lhe será relevada, attendendo-se aos arduos encargos de que se achou sobrecarregada, na mente de que julga ter cumprido com seus deveres.

Recife de Pernambuco, 25 de Fevereiro de 1854. —
Luiz José da Costa Amorim. — *José Teixeira Basto.*
— *Mathias d'Azevedo Villarouco*, Secretario.

(*Diario de Pernambuco e Liberal Pernambucano de 26 e 27 de Fevereiro.*)

À SAUDOSISSIMA MEMORIA

DE S. M. F.

A Senhora Dona Maria Segunda.

POESIA INEDITA

QUE AOS ILLUSTRISSIMOS SENHORES

Doutor Joaquim Baptista Moreira,

CONSUL DE PORTUGAL NESTA PROVINCIA,

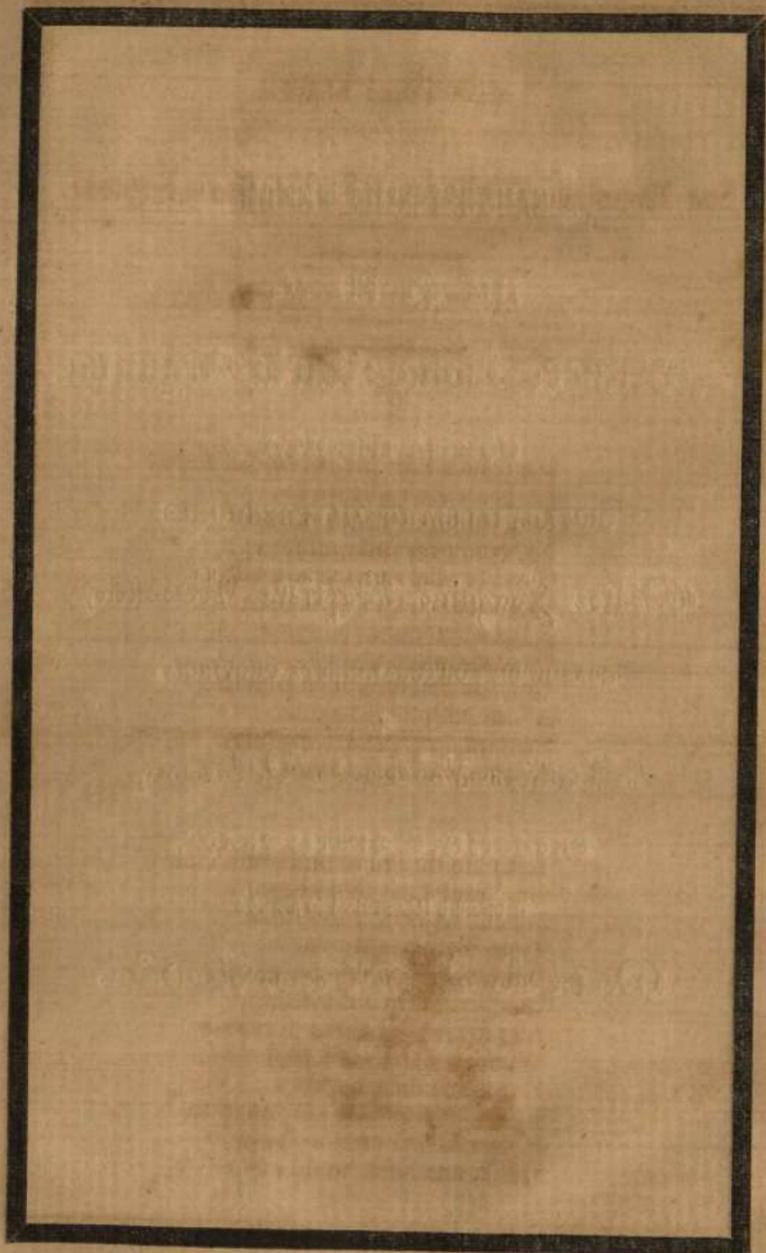
E

Mathias d'Arzevedo Villarouco,

NEGOCIANTE DESTA PRAÇA,

DEDICOU O ILLUSTRISSIMO SENHOR

Doutor A. R. de Torres Baudreira.



À SAUDOSÍSSIMA MEMORIA

DE

Sua Magestade Fidelíssima a Sr.^a D. Maria Segunda.

TRIBUTO DE VENERAÇÃO E RESPEITO.

I

D'em torno á cruz, symbolo eterno
Da paz e da redempção,
Geme um povo mergulhado
Na mais profunda afflicção :
Que idéa lhe occupa a mente,
Que assim o traz descontente,
E lhe amargura pungente
Os dias do seu viver ?
Que dor lhe espedaça o peito ?
A' que martyrio sujeito,
Suspira em pranto desfeito,
Linguagem do padecer ?

É juncto de um sancto emblema
Que vem um povo chorar ?
Juncto da cruz respeitosa,
Typo d'amor singular ?
Que assombro mysterioso,
Ou que sentir doloroso
Lhe apaga o brilhar formoso
D'uma existencia feliz ?
E é a luz da esperança,
Em que o mundo só descansa,
E do céu mil bens alcança,
Que a sua sorte maldiz ?

Não ! esse povo não póde
Ser impio, nem ser cruel :
Não ! que ao madeiro da vida
Não deve ser infiel !
Se o procura angustiado,
Se abraça o lenho sagrado,
E alli mesmo atormentado
Se lhe agita o coração ;
É porque, triste na terra,
Vendo o mal que tudo incerra,
Só póde evitar-lhe a guerra
Da cruz na consolação.

E esse gemer continuo
De tam acerbo penar,
Tem um sentido sublime,
Que d'alma lhe vem brotar :
Elle ancêa pesaroso,
E delirante e queixoso,
Liba um calix amargoso,
Como não libou jámais :
Que sacrificio violento
Lhe coube em fatal momento ?
Que terrivel soffrimento
Lhe arranca fervidos ais ?

Lembranças de antigas eras
De sumptuosa grandeza
Trocou-lh'as, acaso, um dia
Por mil quadros de tristeza ?
Sumiu-se-lhe a flor da vida,
E fanada e resequida,
Como em selva desabrida,
Não mais lhe virá nascer ?
E ao sopro de tempestade,
Horrenda calamidade
Dissipou-lhe a f'licidade
No seu lindo alvorecer ?

Não lhe turbeis o silencio
De longa meditação ;
Dae, ao menos, um suspiro
A' esse povo christão :
Que se elle não cala o pranto,
É que a dor lhe impede o canto,
E só tem vozes de espanto
Para tristonho carpir :
É que fundo tem gravado
No semblante anuviado
Esse pensar consternado,
De que o sinto possuir.

E qual dos povos do mundo
Será o que geme agora ?
Qual d'elles em transe extremo
Fatal successo deplora ?
Perguntae-o ao mundo inteiro,
Que o seu valor sobranceiro,
Que o seu timbre cavalleiro
Vos fallam em Ceuta e Fez :
Perguntae-o — e em voz sentida
Ouvireis repercutida
Esta phrase não mentida :
« É o povo portuguez. »

Vede-o alli. Como é solemne
O grito de uma nação,
Que vacilla e desfallece
Em pesada inquietação !
Que faz ella, a que se ufana
De tanta acção sobrehumana,
Que vencedora e sob'rana
Fez respeitar seus trophéus ?
Diz a historia, e dil-'o a crença —
Que, involta na magoa immensa
Só vive, só cuida e pensa
Em elevar-se até Deus.

É porque, de mil desastres
Colhendo lição copiosa,
Nos painéis do que já fôra
Fita os olhos anciosa :
É quando, após o aparato,
Da fama ao brilhar tão grato,
Volve um dia o desbarato,
Que a desventura lhe traz ;
Firme na fé que a sustenta,
De puro amor se alimenta,
E se o martyrio lhe augmenta,
Não desespera jámais.

Vede-o agora ! Pensativo
Todo esse povo alli 'stá,
Gemendo ao peso d'angustia,
Como nunca houvera lá !
Impresso no seu semblante
Traz a dor que a todo o instante
Lhe sae d'alma, ainda constante
No seu primeiro sentir ;
E em seu mavioso brado
Parece indicar o estado
De um tormento prolongado,
Que lhe quebranta o existir.

Portugal, terra famosa,
De tantas recordações,
Como jaz hoje abysmado
Em tristes meditações !
Portugal que n'outras eras,
De virtudes tam sinceras,
Tam sublimes, tam severas,
Sempre ufano se ostentou ;
Eil'-o está hoje abatido,
E do seu nome querido
Quasi o braço desluzido,
Que o tempo lhe conquistou.

Essa nação que saudara
O bello sol do Oriente,
Que em façanhas assombrosas
Tivera gloria eminente ;
Esse povo que se erguera
Como gigante, e vencera
Em Ormuz a gente fera,
E brilhara em Mazagão ;
Parece agora humilhado,
E tam só e contristado,
Geme em lagrimas banhado,
Sob o jugo da afflicção !

A patria de Viriato,
De tam illustres heroes
Que inda a memoria lhe aponta
Dos seus primeiros avós ;
Vê por terra os estandartes,
Que em seus rijos baluartes
Do mundo ás diversas partes
Deram inveja e terror ;
E não mais a voz levanta,
Nem já seu valor decanta,
Que ao peso de magoa tanta
Quasi lhe foge o valor.

Que pena vai entre os filhos
D'esta nação d'além-mar ?
Que faz ella desolada
Em dolorido scismar ?
Caíram padrões de gloria,
Fugiu-lhe, acaso, a memoria
Que em bellos padrões a historia
N'outras eras lhe estampou ?
Murcharam flores lustrosos
De seus feitos estrondosos,
E por quadros luctuosos
Sua grandeza trocou ?

II

Eu o sei ! — Que embora a terra
Occulte mysterios seus !
A luz que dissipa as sombras
Só vem do seio de DEUS !
Só elle conduz e guia
As nações que n'um só dia
Com tanta sabedoria
Fez no mundo apparecer :
É do seu throno radiante
Que elle as governa constante,
E com a dextra fulminante
As eleva ou faz descer.

Ergue os cedros magestosos,
E abate-os quando lhe apraz :
Assim fez serras e montes,
E, quando quer, as desfaz : —
Tudo a seu mando obedece ;
Por elle é que brota e cresce,
Ou definha e des'parece
A flor no bosque enredada ;
E aos grandes vultos humanos,
Aos potentes soberanos,
Tambem no correr dos annos
Impõe esta lei sagrada.

Eu o sei ! — Que embora a terra
Occulte mysterios seus !
A luz que dissipa as sombras
Só vem do seio de DEUS !
O povo que geme agora
Fatal successo deplora,
E ancêa, suspira e chora,
Entregue á consternação :
O que elle diz é profundo,
Bem o sabe todo o mundo,
Que no seu peito — e bem fundo ! —
Lhe palpita o coração.

Olhae ao longe, vós outros,
Que um facto quereis saber :
D'em torno a cruz geme um povo,
No seu atroz padecer :
Perguntae-o ao mundo inteiro,
Que o seu valor sobranceiro,
Que o seu timbre cavalleiro,
Vos fallam em Ceuta e Fez :
Perguntae-o — e em voz sentida
Ouvireis repercutida
Esta phrase não mentida :
« E' o povo portuguez. »

Morreu-lhe a MÃE desvelada,
Essa MÃE que tanto o amou :
Já não existe a RAINHA,
Que por elle se extremou :
Aquella mulher famosa,
Tam pia, tam caridosa,
Aquella alma preciosa,
Rendeu o sopro final :
Era um Anjo na candura,
Toda amor, toda ternura,
Do povo timbre e ventura,
E gloria de Portugal.

E' este o brado que rompe
De saudosos corações :
Eis o grito que alli sóa
Por entre as varias nações :
Comprehedei essa linguagem,
Que inda é fiel vassalagem,
Que é tributo de homenagem
De todo um povo christão :
Comprehedei se ha 'hi palavra
Para uma dor que se agrava,
Que surge, que augmenta e lavra
Com tanta desolação !

Recordae esse momento
De fatal melancòlia,
Quando á MÃE de um povo inteiro
Se apagara a luz do dia !...
Grandes, nobres e plebeus
Igualam tormentos seus,
Que para a casa de DEUS
Um só pensar os chamou :
E dentro e fóra apinhados,
Estão todos humilhados,
Que seus males prolongados
Uma só causa os gerou.

Eis o motivo da pena
Que essa familia traduz,
Quando chora amargo pranto
D'em torno ao lenho da cruz :
Essa familia que sente
E' um povo descontente,
Que em transe de dor vehemente
Mais singelo reflectiu :
Vede-o alli no Velho Mundo
Que elle medita profundo,
N'esse gemer sem segundo,
Que em toda a parte se ouviu.

Um grito soara ao longe,
N'essa vasta capital,
Que inda recorda sublime
Um nome egregio e real :
E n'essa hora assustadora
Uma estrella incantadora
Sumira o brilho d'outr'ora,
E se occultou de uma vez :
Uma existencia finara
De MÃE, de ESPOSA preclara,
Que a todo um povo deixara
Na mais dura viuvez.

Era MARIA SEGUNDA,
RAINHA DE PORTUGAL,
Que então succumbia ao impulso
De um soffrimento fatal :
E mesmo alli ao seu povo
Deixava um penhor mais novo,
Da real prole um renovo,
Que o seio não pôde abrir :
E ao som do Archanjo da morte,
A mulher constante e forte
Recebe o terrivel córte,
Que da vida a faz partir.

Que passamento mais digno
De eterna dor e saudade ?
Onde ahí houve na terra
Mais valor e heroicidade ?
Portugal ! tudo perdeste !
A gloria que recebeste,
Os bens que d'ella inda houveste,
Não n'os poderas guardar,
Que a pedra da sepultura
Abriu tenebrosa, escura,
Negra mão da desventura,
E n'ella os foi encerrar.

Já rompestes as lindas galas,
E já despiste o esplendor,
Que nos teus dias dourados
Te enfeiticava o primor :
Juventude amena e bella
Em ti já se não revela,
Passou como esquiva estrella
N'um medonho temporal :
E agora de quando em quando
Só se escuta retumbando
N'um recinto venerando
O teu gemer sem igual.

Parece que inda hoje mesmo
Atravez de mar e céu,
Diviso aquella cidade,
Involta em tristonho véu :
Pelas ruas espaçosas,
Pelas praças magestosas,
Passa em turbas numerosas
Todo um povo amargurado :
E os ais de uma dor crescente
Dizem tudo que elle sente,
Como um feudo reverente,
Como um tributo sagrado.

Estandartes abatidos
Ante o sepulcro de um Rei
São expressões que não mentem,
Mas que respeitam a lei :
A RAINHA que os prezava,
Que aos seus soldados votava
Todo o amor que trasbordava
Do seu grande coração,
Elles vão pagar o preito,
D'esse amor, d'esse respeito,
Que até da morte no leito
Não lhe nega uma nação.

A's galas succede o crepe,
Tudo é triste e mortuario ;
Alli só impera a noite,
Involta em negro sudario :
Grandes, nobres e plebeus
Igualam tormentos seus,
Que para a casa de DEUS
Um só pensar os chamou :
E dentro e fóra apinhados
Estão todos humilhados,
Que seus males prolongados
Uma só causa os gerou.

Eil'-os vão. Que saimento
Tam profundo e inspirador !
E depois em frente ao tumulto
Que painel aterrador !
Eis uma c'róa pendida ;
E aquella que não tem vida,
A RAINHA tão querida,
Já não a póde suster :
Eis um sceptro abandonado,
Pela morte arrebatado,
E no feretro inclinado,
Como emblema do poder !

Qué imagens alli se agrupam
De tam varia natureza !
Juncto ao pó, juncto do nada,
Os padrões da realza !
Mas que importa ?—um laço antigo
Reune alli no jazigo,
Como em commercio de amigo,
Oppostas recordações :
E aquella que então morrêra,
Outro sceptro recebêra,
Melhor c'róa a engrandecêra,
Por suas bellas acções.

III

Portuguezes ! inclinae-vos,
Entrae na casa de DEUS !
Grandes, nobres e mendigos
Iguallem tormentos seus.
N'este dia tudo é triste !
Nem já o prazer existe,
Que um coração não resiste
A' tam rispida provança :
Portuguezes ! um só lucto !
Não haja um só rosto enxuto,
Seja igual vosso tributo
Ao vosso amor e esperança.

E quando essa voz se erguera
De todos na consciencia,
Quem foi que disse palavras
De opprobrio e malevolencia ?
Paixões, caprichos calaram,
Os odios não palpitarão,
Os partidos se estreitaram,
E então houve um povo só :
E o pranto todos verteram,
E os corações se entenderam,
E só uma dôr soffreram,
Com os olhos fitos no pó !

E tudo que allí sentira
Um povo que a fé conduz,
Sentiram também os filhos
Da terra da Sancta-Cruz :
A dôr que allí fôra tanta,
Aqui também nos quebranta,
Aqui também se levanta
Immensa tribulação :
Que essa mulher tam sublime,
Que a morte ceifou sem crime,
Tambem uma parte exprime
Da brasileira nação.

E apraz-me chorar com todos
Os portuguezes de lá,
Com meus irmãos brasileiros,
Com os portuguezes de cá :
Essa RAINHA excellente
Era um ramo descendente
Do Augusto Tronco Eminente,
Que a liberdade nos deu :
Era nossa irmã querida,
Tambem no Brasil nascida,
E parte da nossa vida
Tambem n'ella se perdeu.

Meditemos bem na historia
D'essa RAINHA exemplar,
Pensemos na sua vida,
No seu tam longo penar :
Desde o berço a contempl-²a,
A mais e mais admiral-²a,
Veremos que ella só falla
Linguagem do seu dever :
A moral que a purifica,
A todos presto edifica,
Porque o bem que ella practica
Cifra todo o seu querer.

E hoje que só nos resta
O seu nome abençoado,
Fôra injustiça esquecel-²a
No seu merito elevado :
E já que perante a lousa,
Onde o seu corpo repousa,
A lisonja alçar não ousa
Um louvor que não convém,
Demos a prova bastante
Que da verdade constante
Não fugimos vacillante,
Dizendo só della bem.

Respeitemol-²a sinceros,
Choremo-lhe a morte dura,
E no seu feral jazigo
Demo-lhe amor e ternura :
Portuguezes viram n'ella
A filha grata e singela,
Em que o genio se revela
De seu Pae que era immortal :
Via n'ella o mundo inteiro
Um transumpto verdadeiro
De Pedro, entre nós Primeiro,
E Quarto de Portugal.

Nascêra qual flor mimosa
No quadro da criação ;
E logo no abrir da infancia
Soprára rijo tufão !...
A fé nos diz, entretanto,
Que por milagroso incanto,
Como um symb'lo sacrosancto
Da sua innocencia e paz,
Uma alva pomba innocente
Lhe poisára diligente ;
E, afagando-a brandamente,
Então não voltára mais.

Esse tufão violento
Na sua idade infantil,
Crescêra ao correr dos annos,
Trazendo cuidados mil :
Bem depressa uma orphandade !...
E ao surgir da mocidade,
Que funda infelicidade
Se lhe prepara na terra !
Longe da patria vaguêa,
Como proscripto que ancêa
Encontrar na dôr alhêa
Alivio á constante guerra.

Chega um tempo—e Heroe Sublime,
Apoz longo afadigar,
Conquista na Europa um throno,
E n'elle a vem collocar :
E' seu Pae que dá-lhe a c'rôa,
Quando a victoria já sôa,
E em Portugal já rebôa
Da RAINHA a distincção :
Soffreu muito !—e a realeza
Foi-lhe brazão de nobreza,
Porque deu-lhe a fortaleza
Do paterno coração.

E essa é que jaz sem vida,
A Herdeira do Heróe famoso,
Que, a dois povos libertando,
Quebrara jugo affrontoso !
E' ella, de Pedro a Herdeira,
Heroína Brasileira,
Que já em terra estrangeira
A proscricção supportara :
E' ella, a Irmã do Imperante,
Que n'este Paiz gigante
Occupa o throno brilhante,
Que tambem seu Pae legara.

Portuguezes !- inclinae-vos,
Entrae na casa de DEUS :
Grandes, nobres e mendigos
Iguallem tormentos seus :
N'esta hora tudo é triste !
Nem mais o prazer existe,
Que um coração não resiste
A' tam rispida provança:
Portuguezes ! um só lucto,
Não haja um só rosto enxuto,
Seja igual vosso tributo
Ao vosso amor e esperança.

Lembrae-vos todos daquella,
Que tanto soffreu por vós ;
Que hoje tambem deplorámos
O que ella foi para nós :
Lembrae-vos da que tão pura
Vos deu completa ventura,
Regendo-vos com ternura
De um affecto maternal :
Lembrae-vos da bella historia,
Em que se estampa a memoria
D'Alta MARIA DA GLORIA,
RAINHA DE PORTUGAL.

Lembrae-vos, sim, d'essa Filha
Do vosso Libertador,
Que tambem nos deu n'um dia
Independencia e valor :
D'essa Mulher Sublimada,
Que em Regio Throno assentada,
Vos off'recia enlevada
De boa Mãe o modelo :
D'essa Heroína famosa,
Que recordava piedosa
A alma illustre e generosa
Do Heróe do Porto e Mindello.

Lembrae-vos que ella foi grande,
Que, sendo Esposa de um Rei,
Jámais aos pés conculcara
Do povo a primeira Lei ;
Que em contendas fraticidas,
Em longas luctas renhidas,
Jámais ergueu homicidas
Suas mãos contra ninguem ;
Que a liberdade prezara,
Que os disturbios acalmara,
Que a doce paz restaurara.
Sómente por vosso bem.

Não vos esqueça que os Filhos,
Que ao Terno Esposo deixou,
São verdadeiros Penhores
Do muito que vos amou :
Que, das artes protectora,
Té sorria incantadora,
Carinhosa, animadora
Ao ledo bando infantil ;
Que aos Servidores do Estado
Volveu semblante elevado,
E nunca um jugo pesado
Impoz á plebe mais vil.

Lembrae-vos, emfim, que a morte,
Que a roubou tam de repente,
Veiu apressar-lhe essa vida,
Que ha de ter eternamente :
E que a volta myst'riosa
D'alva pomba saúdosa
Poisada em c'róa preciosa,
No seu coche funeral,
E' bella imagem d'esperança,
De que ella no céu descança,
E que dias de bonança
Terá todo Portugal.

Ao templo de San Vicente
Levae pias orações :
Sagrae-lhe psalmos infindos,
Infindas inspirações :
Esparzi-lhe as brancas flores,
Contae alli vossas dores,
Que juncto ás dos seus MAIORES
Suas cinzas dormem lá :
E o mundo que isto observa,
Que o seu culto não reserva,
Vosso tributo conserva,
E sempre o conservará.

IV

E vós que n'esta Provincia
Pagastês vosso dever,
Saúdae-a sempre — á Rainha
Vinde um canto offerecer :
Que esse gemer magoadado,
Unido ao pequeno brado
Do rude vate, abysmado
N'um sentimento fiel,
E' oração fervorosa
Na morada luctuosa
Da seguidora zelosa
De Mafalda e de Izabel.

Pedi a DEUS lhe franquee
As portas da Eternidade,
E que lhe dê o descanso
De immensa felicidade :
Que lhe aceite o sacrificio,
E com semblante propicio,
Lhe apague da culpa o indicio
Com a graça celestial ;
E que permita a victoria
Para ser brilhante a historia
D'essa MARIA DA GLORIA,
RAINHA DE PORTUGAL.

Olinda 22 de Março de 1854.



Escola Rey de Bellas Artes
Bibliotheca

Impresso em Pernambuco, Typographia Universal.

Erata

P. g.	L.	Err.	Emend.
59	21	padraes	paines









